



Universidades Lusíada

Tavares, Inês Menaia, 1998-

Terror no feminino : a posição da mulher no terrorismo

<http://hdl.handle.net/11067/6705>

Metadados

Data de Publicação	2022
Resumo	<p>O objetivo do presente trabalho é o de adquirir conhecimento sobre o papel da mulher no terrorismo islâmico, desvendando o seu posicionamento com a intenção de compreender a tipologia da sua participação: vítima e/ou ativo com competências distintivas na organização. Coloca-se a questão de saber quais são os principais contributos da mulher no terrorismo, no sentido de compreender que funções desempenham dentro de organizações terroristas islamistas como o Daesh, Al-Qaeda e Boko Haram, quais as...</p> <p>The aim of this work is to acquire knowledge about the role of women in Islamic terrorism, unveiling their position with the intention of understanding the typology of their participation: victim to and/or active with distinctive competencies in the organization. The question arises as to what the main contributions of women in terrorism are, to understand what roles, they perform within Islamist terrorist organizations such as Daesh, Al-Qaeda and Boko Haram, what are the motivations, and to an...</p>
Palavras Chave	Mulheres terroristas, Terrorismo, Violência nas mulheres, Mulheres - Violência contra, Mulheres - Aspectos religiosos - Islamismo
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FD] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-26T06:00:17Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA

FACULDADE DE DIREITO

Mestrado em Segurança e Justiça

**Terror no feminino:
a posição da mulher no terrorismo**

Realizado por:
Inês Menaia Tavares

Orientado por:
Prof. Doutor Luís Carlos Rodrigues Malheiro

Constituição do Júri:

Presidente: Prof. Doutor José Alberto Rodríguez Lorenzo González
Orientador: Prof. Doutor Luís Carlos Rodrigues Malheiro
Arguente: Prof.^a Doutora Maria Miguel Sousa Galito

Dissertação aprovada em: 11 de janeiro de 2023

Lisboa

2022



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

FACULDADE DE DIREITO

Mestrado em Segurança e Justiça

Terror no feminino:
a posição da mulher no terrorismo

Inês Menaia Tavares

Lisboa

Agosto 2022



UNIVERSIDADE LUSÍADA

FACULDADE DE DIREITO

Mestrado em Segurança e Justiça

Terror no feminino:
a posição da mulher no terrorismo

Inês Menaia Tavares

Lisboa

Agosto 2022

Inês Menaia Tavares

Terror no feminino: a posição da mulher no terrorismo

Dissertação apresentada à Faculdade de Direito da
Universidade Lusíada para a obtenção do grau de
Mestre em Segurança e Justiça.

Orientador:
Prof. Doutor Luís Carlos Rodrigues Malheiro

Lisboa

Agosto 2022

FICHA TÉCNICA

Autora Inês Menaia Tavares
Orientador Prof. Doutor Luís Carlos Rodrigues Malheiro
Título Terror no feminino: a posição da mulher no terrorismo
Local Lisboa
Ano 2022

MEDIATECA DA UNIVERSIDADE LUSÍADA - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

TAVARES, Inês Menaia, 1998-

Terror no feminino : a posição da mulher no terrorismo / Inês Menaia Tavares ; orientado por Luís Carlos Rodrigues Malheiro. - Lisboa : [s.n.], 2022. - Dissertação de mestrado em Segurança e Justiça, Faculdade de Direito da Universidade Lusíada.

I - MALHEIRO, Luís Carlos Rodrigues, 1986-

LCSH

1. Mulheres terroristas
 2. Terrorismo
 3. Violência nas mulheres
 4. Mulheres - Violência contra
 5. Mulheres - Aspectos religiosos - Islamismo
 6. Universidade Lusíada. Faculdade de Direito - Teses
 7. Teses - Portugal - Lisboa
-
1. Women terrorists
 2. Terrorism
 3. Violence in women
 4. Women - Violence against
 5. Women - Religious aspects - Islam
 6. Universidade Lusíada. Faculdade de Direito - Dissertations
 7. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

1. HV6431.T38 2022

A todas as mulheres.

AGRADECIMENTOS

Esta investigação, apesar de ser de ser minha autoria, é de muitos outros a quem deixo um grande agradecimento.

Desde logo e primeiramente, ao meu orientador, Professor Doutor Luís Malheiro, pela confiança, apoio e motivação, desde o primeiro dia. Pelas partilhas de conhecimento, pela ajuda em todas as fases do processo, sem qualquer hesitação, mostrando-se incansável e a quem não me restam palavras para agradecer.

À Universidade Lusíada de Lisboa pela oportunidade de integrar o mestrado em Segurança e Justiça.

A todos aqueles que aceitaram dar o seu contributo para esta investigação e se disponibilizaram a ser entrevistados, acrescentando-lhe um enorme valor.

A todos os docentes que se cruzaram comigo durante este percurso e me enriqueceram com o seu saber.

Nunca menos importante, um agradecimento à minha família, que me criou em amor e compreensão, por me ter dado todas as ferramentas e oportunidades para crescer e me formar no que me apaixona, com esforço e dedicação e, por acreditarem em mim como ninguém, sempre.

Às minhas amigas e amigos, em especial à Salomé, pelas horas que passou, pacientemente, a ouvir-me falar sobre o tema e com quem debati todas as minhas ideias.

O meu sincero obrigada.

“The reason we address women (...) is our observation that when a woman is convinced of something, no one will spur a man to fulfil it like she will.”

Yussuf al-Ayyiri – The role of women in the jihad against Enemies (citado de Khaterina Von Knop, 2007, pp406)

RESUMO

Terror no Feminino: A Posição da Mulher no Terrorismo

Inês Menaia Tavares

O objetivo do presente trabalho é o de adquirir conhecimento sobre o papel da mulher no terrorismo islâmico, desvendando o seu posicionamento com a intenção de compreender a tipologia da sua participação: vítima e/ou ativo com competências distintivas na organização.

Coloca-se a questão de saber quais são os principais contributos da mulher no terrorismo, no sentido de compreender que funções desempenham dentro de organizações terroristas islamistas como o *Daesh*, *Al-Qaeda* e *Boko Haram*, quais as motivações, e ainda analisar as situações em que estas são vítimas das mesmas organizações e de que forma as organizações beneficiam com o recrutamento de mulheres.

Esta pergunta é relevante para melhor compreender as mudanças dentro das organizações terroristas, assim como as questões de género, uma vez que é fundamental haver uma preparação para as agressões femininas e não apenas para as masculinas, cobrindo e analisando todo o espectro da violência sem os viés do género.

Assente numa metodologia qualitativa, tendo por base informação recolhida sobretudo em fontes primárias com recurso a entrevistas semiestruturadas a especialistas da área, foi possível validar que a participação feminina está a ganhar um papel de maior relevo. Objetivamente, foi possível apurar que são essenciais para a sobrevivência das organizações terroristas, demonstrando também que são poucos aqueles que ainda têm reservas relativamente à participação da mulher no terrorismo.

Palavras-Chave: Terrorismo Religioso, Mulheres, Organizações Terroristas, *Jihad*, Contraterrorismo

ABSTRACT

Terror in the Feminine: The Position of Women in Terrorism

Inês Menaia Tavares

The aim of this work is to acquire knowledge about the role of women in Islamic terrorism, unveiling their position with the intention of understanding the typology of their participation: victim to and/or active with distinctive competencies in the organization.

The question arises as to what the main contributions of women in terrorism are, to understand what roles, they perform within Islamist terrorist organizations such as Daesh, Al-Qaeda and Boko Haram, what are the motivations, and to analyze the situations in which they are victims of the same organizations and how organizations benefit from the recruitment of women.

This question is relevant to better understand changes within terrorist organizations, as well as gender issues, as it is essential to prepare for female aggression and not just for male aggression, covering and analyzing the entire spectrum of violence without gender bias.

Based on a qualitative methodology, based on information collected mainly from primary sources using semi-structured interviews with specialists in the area, it was possible to validate that female participation is gaining a major role. Objectively, it was possible to establish that they are essential for the survival of terrorist organizations, also demonstrating that there are few who still have reservations about women's participation in terrorism.

Keywords: Religious Terrorism, Women, Terrorist Organizations, Jihad, Counterterrorism

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Principais objetivos das organizações terroristas islamistas.....	60
Tabela 2 – Casos em que a mulher é vítima das O.T.....	62
Tabela 3 – Motivações para a integração em grupos terroristas.....	64
Tabela 4 – Vantagens do recrutamento de mulheres.....	66
Tabela 5 – Principais contributos da mulher no terrorismo.....	68
Tabela 6 – Caracterização dos entrevistados.....	99
Tabela 7 - Tratamento de dados do E1 ao E4.....	101
Tabela 8 – Tratamento de dados do E5 E6 e E7.....	104

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

El – Estado Islâmico

OT – Organização Terrorista

PNE – Polícia Nacional Espanhola

ISIS – Islamic State of Iraq and Syria

ONG – Organização Não Governamental

CNSU – Conselho de Segurança das Nações Unidas

FBI – Federal Bureau of Investigation

ÍNDICE

1. <i>Introdução</i>	14
1.1. Contextualização do tema da investigação	15
1.2. Justificação e relevância do tema	19
1.3. Objetivos da investigação e delimitação do estudo.....	22
1.4. Mais valias - contributo da investigação	25
1.5. Estrutura da investigação.....	26
2. <i>Revisão da literatura</i>	27
2.1. A mulher enquanto vítima	33
2.1.1. As yazidi.....	35
2.1.2. Rapto, exploração sexual e escravidão	39
2.2 A mulher enquanto terrorista.....	42
2.1.3. As motivações	44
2.1.4. As funções	45
2.1.5. A brigada al-khansaa.....	49
2.2. A condição feminina como estratégia das organizações terroristas	50
2.2.1. A importância da perspectiva de género	51
3. <i>Metodologia</i>	54
3.1. Natureza da investigação.....	55
3.2. Participantes	55
3.3. Técnicas e instrumentos de recolha de dados	55
3.4 procedimento	56
4. <i>Apresentação, análise e discussão dos resultados</i>	58
4.1. Os objetivos das organizações terroristas islamistas.....	58
4.2. Casos em que a mulher é vítimas das organizações terroristas islamistas .	61
4.3. As motivações para a integração em grupos terroristas	63
4.4. As vantagens do recrutamento de mulheres	65
4.5. Os principais contributos da mulher no terrorismo	67
4.6. O impacto do problema em estudo nos esforços de combate ao terrorismo	69
4.7. A importância do género nas estratégias de contraterrorismo.....	71
5. <i>Conclusões</i>	72
5.1. Resposta à questão central e perguntas derivadas	74
5.2. Considerações finais	79
5.3. Limitações do estudo e sugestões para investigações futuras	81
<i>Referências bibliográficas</i>	82
<i>Apêndices</i>	92
<i>Lista de apêndices</i>	93

Apêndice A	95
Apêndice B	97
Apêndice C	99
Apêndice D	101
Apêndice E	107

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história, as mulheres desempenharam papéis significativos no planejamento e execução de atividades terroristas, demonstrando que não são apenas vítimas. As mulheres também podem ser apoiantes e mobilizadoras através da prestação de cuidados de saúde, alimentação e casas seguras a extremistas e terroristas (UNW, 2015)

Essas mulheres vêm de diversas origens geográficas, sociais, políticas e econômicas e são motivadas a participar por diversas razões.

O número de mulheres implicadas em crimes relacionados com terrorismo cresceu, e em 2017 o *Global Extremism Monitor* registou 100 ataques suicidas diferentes conduzidos por 181 mulheres (Bigio; Vogelstein, 2019).

A falha nos esforços do contraterrorismo em entender as formas em como as mulheres se radicalizam, apoiam e perpetuam violência concede o benefício do seu envolvimento em grupos extremistas (Bigio; Vogelstein, 2019).

Dado que o terrorismo é uma das maiores ameaças à segurança internacional, a eleição deste tema passa pela necessidade de compreender melhor este fenómeno focando-se na participação ativa da mulher, mas também na posição da mulher enquanto vítima.

A análise do estudo incidirá sobre o período decorrente entre 2013 e 2021, em que se estudará organizações terroristas como o Estado Islâmico, o *Boko Haram*, e a *Al-Qaeda*.

Importa entender de que forma as mulheres podem ser consideradas uma mais-valia para estas organizações como membros-ativos, por exemplo pela imprevisibilidade que lhes está associada, observando todos os fatores que poderão ser inerentes. Ainda, compreender em que casos a mulher é vítima destas organizações.

Neste sentido, o presente estudo propõe responder à pergunta central: “Quais são os principais contributos da mulher no terrorismo?”. Na expectativa de criar conhecimento e ferramentas para entender mudanças que estejam a ocorrer nas organizações terroristas de matriz islâmica, a utilização do feminino para causar terror, e o uso do terror para com o feminino, tratando a questão das mulheres segundo uma perspetiva securitária, de modo que o estudo contribua de forma positiva para as agências de segurança na luta contra o terrorismo.

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA DA INVESTIGAÇÃO

O terrorismo é um fenómeno que tem vindo a assombrar as populações, por ser radical, discreto e eficiente. Uma ferramenta para alcançar objetivos políticos e provocar instabilidade, caos e mudança do status quo.

Apesar de não existir uma definição universal para terrorismo, a resolução 1566 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) caracteriza-o como um ato criminoso, incluindo contra civis, cometido com a intenção de causar a morte ou uma lesão muito grave. Ainda, a tomada de reféns com o objetivo de provocar um estado de terror na população ou num grupo específico de pessoas, intimidar a população, um governo ou uma organização internacional (CNSU,2004).

Esta dificuldade em encontrar um conceito universal, deve-se ao facto da palavra ser bastante contestada. O antigo chefe de Estado dos Estados Unidos para a missão no Iraque demonstrou essa mesma dificuldade em encontrar uma definição de terrorismo que não fosse rejeitada, porque todas aquelas que produzia poderiam sugerir que os Estados Unidos estavam envolvidos no auxílio a algumas dessas atividades (Herrington, 2022).

Ainda, se notarmos a definição de terrorismo no dicionário da Universidade de Oxford, terrorismo é então: *‘the unofficial or unauthorised use of violence and intimidation in the pursuit of political aims’*.¹ (citado de Herrington, 2022, pp7)

Para Marcos Degaut (2014) a ideologia política utilizada como justificação para o terrorismo, foi substituída por inconformismos com a existência de desigualdades sociais e económicas, pelo xenofobismo, pela discriminação ética e pelo extremismo religioso, atingindo a forma de guerra santa.

Schmid descreve o terrorismo como uma estratégia dos fracos, eleita por aqueles que requerem de amplo apoio popular, sendo uma estratégia de comunicação política que, através dos *media* e redes sociais, busca atingir e influenciar as pessoas (2017).

No presente estudo, o tipo de terrorismo em estudo é o terrorismo fundamentalista islâmico, ou seja, um tipo de terrorismo que justifica o uso do terror contra todos aqueles que são considerados inimigos do Islão, os infiéis, ou em árabe “kafir”, sejam eles muçulmanos, ou ocidentais.

Nas últimas duas décadas presenciamos a exploração das crenças religiosas pelas organizações terroristas para incitar ao ódio e à violência e causar divisão nas sociedades, tarefa bem conseguida por parte das organizações terroristas como o Estado

¹ a utilização não oficial ou não autorizada da violência na prossecução de objetivos políticos

Islâmico e a *Al-Qaeda* que pretende imobilizar a *umma*² que compreende 23% da população mundial (Schmid, 2017).

Na perspetiva de Sabine (1937), as ideias políticas influenciam a História não porque são verdadeiras, mas porque são acreditadas. O trabalho que as organizações terroristas desempenham é precisamente fazer com que a sua ideologia seja extremamente acreditada.

Para melhor compreensão, a religião muçulmana assenta em cinco pilares: a confissão da fé em Alá, onde se salienta a unicidade de Deus e a sua justiça, a oração ritual, a esmola legal, o jejum no mês do Ramadão e a peregrinação a meca, pelo menos uma vez na vida. Quanto à *jihad* para o xiismo é uma das dez práticas do Islão (Rogeyro, 2011).

A *jihad* consiste na luta sagrada, a luta contra o inimigo - um feito glorioso em nome de Alá.

No entanto, e de acordo com Katharina Von Knop (2007), deve separar-se a *jihad* feminina da *jihad*³. A primeira significa que as mulheres realizam ou cumprem um ato político quando apoiam os seus familiares do sexo masculino, quando educam os filhos na ideologia e sempre que facilitam as operações terroristas. A *jihad* remete para o elemento bélico. Existe ainda uma *jihad* menor – *al-jihad al-asghar*, onde se insere o islamismo violento, ou seja, a luta armada contra os inimigos do Islão (Pinto, 2018).

Outro ponto importante a notar é diferença entre islamistas e jihadistas que segundo Glen Robinson (2021), passa pelo facto de os islamistas acreditarem no trabalho político de base, enquanto os jihadistas acreditam na necessidade de recorrer à violência.

Não tirando a possibilidade de os islamistas serem violentos, são os jihadistas que acreditam que a violência é a constituinte primordial para conquistarem os seus objetivos políticos (Robinson, 2021).

O Estado Islâmico, assim como a *Al-Qaeda*, são exemplos de grupos que se assumem como “defensores do Islão original que o Profeta Maomé e os seus companheiros pregaram e, considerando que esse Islão está sob agressão dos “infiéis”, os Salafi-jihadistas proclamam que o recurso à violência ou “guerra santa” (*jihad*) é a única forma de combater os inimigos e defender o verdadeiro Islão. O objetivo do também chamado “jihadismo” é, então, a criação de uma Comunidade Islâmica “pura”, segundo a interpretação da tradição do Profeta Maomé (*sunna*) e da lei islâmica (*sharia*), devendo os “crentes” participar na *jihad* enquanto os “infiéis” têm de ser simplesmente exterminado” (Tomé, 2015, pp129).

² Comunidade islâmica

³ Luta sagrada em nome de Alá

Após o 11 de Setembro, o terrorismo islamista dominou a Europa e tornou-se a principal ameaça à paz e estabilidade. Como exemplos, pode referir-se os dois irmãos que invadiram a sede do Jornal satírico *Charlie Hebdo* e mataram doze jornalistas a 7 de janeiro de 2015. Em novembro do mesmo ano, sete homens realizaram um ataque em Paris em que cento e trinta pessoas morreram e quatrocentas ficaram feridas. Em 2017, terroristas islamistas atropelaram pessoas com um veículo, em que dezasseis pessoas morreram e cento e cinquenta ficaram feridas.

Segundo Lewis Herrington (2022), entre 2001 e 2018, cerca de oitenta terroristas executaram com sucesso 48 ataques na Europa em que resultaram 613 mortos e 4.584 feridos.

Atualmente, a comunidade internacional volta a desafiar-se com o terror que grupos defensores do 'islão original' praticam, através do regresso ao poder dos talibãs no Afeganistão, quase vinte anos depois destes serem derrubados pela América.

Os talibãs foram fundados em 1994 e estiveram no poder entre 1996 e 2001. Após o 11 de Setembro, os talibãs recusaram entregar Bin Laden e a Al-Qaeda ao presidente George W. Bush e os Estados Unidos atacaram derrubando o governo. (Nagourney, 2021).

Desde então, com a presença norte-americana no país, a sociedade afegã viu progressos, principalmente as mulheres que, puderam estudar, trabalhar fora de casa e ter um papel mais ativo (SIC Notícias, 2021).

Com o retorno dos talibãs ao poder, esses direitos estão nitidamente em perigo, uma vez que, ao abrigo da *sharia*, as mulheres não poderão trabalhar fora de casa, não podem frequentar a escola, são forçadas a usar burca, estão proibidas de rir em locais públicos, entre tantas outras repressões (SIC Notícias, 2021).

Dias após a entrada dos talibãs ocorreu uma explosão no aeroporto que matou mais de 180 pessoas. Este atentado foi reivindicado por um grupo com filiação ao Estado Islâmico (ISIS-K), que nasceu em 2015 e é composto por homens que na sua generalidade fizeram parte dos talibãs ou da Al-Qaeda, mas que posteriormente se juntaram ao EI. Tendo em consideração que os talibãs colaboraram com os Estados Unidos para derrubar o *Daesh*, suspeita-se que estes confrontos estão apenas a iniciar e muitas vidas estão em risco (Rogeyro, 2021).

Este é um exemplo que expressa a ameaça que estes grupos constituem para as comunidades e para a segurança internacional.

Inesperadamente, a comunidade política mundial debate-se com o desafio que surge pelo facto de os talibãs estarem a governar o Afeganistão, um grupo fundamentalista islâmico que se rege pela *sharia*, que é em si um atentado aos direitos humanos.

Um acontecimento que revela a constante fidelidade à ideologia do Estado Islâmico, pelo facto de já ter acontecido um ataque da autoria dos seus 'fiéis' seguidores, e ainda, a competição e altercação entre grupos extremistas

1.2. JUSTIFICAÇÃO E RELEVÂNCIA DO TEMA

Até à década de 2000, a participação da mulher terrorista não era reconhecida e os ataques executados por mulheres eram considerados simbólicos (Pearson, 2015). Isto porque os alvos de maior valor estavam deliberados aos homens. Porém, segundo Pinto (2018), deram-se duas exceções ao papel secundário da mulher terrorista:

Nas negociações de paz de El Salvador lideravam sob 10 000 homens armados três mulheres que representavam a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional; e, a segunda exceção, o caso das bombistas suicidas *do Liberation Tigers of Tamil Eelam*, em que os ataques tinham precisamente o mesmo valor e a mesma celebração sendo cometidos por homens ou mulheres (Pinto, 2018).

No final da década, as mulheres já tinham estado diretamente implicadas em mais de 38 conflitos domésticos ou internacionais. Dentro desses conflitos a percentagem de forças de combate femininas varia amplamente, dependendo da região, mas a maioria das estimativas variam entre 10% a 30% dos combatentes (Sutten, 2009).

Segundo Brigitte Nacos (2005), a mulher tem estado entre os líderes em grupos como as Brigadas Vermelhas em Itália, a facção do exército vermelho na Alemanha e ainda o grupo *Weather Underground*, responsável pelas explosões no Departamento de Estado dos EUA em 1975 e que, segundo o *Federal Bureau of Investigation* (FBI), nessa altura já tinham responsabilidade por 25 bombardeamentos.

Atualmente, o terrorismo feminino está no centro das atenções devido ao número crescente de bombistas suicidas no Iraque e pelo facto da Al-Qaeda estar a recrutar de forma ativa mulheres (Sutten, 2009).

Debra Zedalis (2004) admite que os grupos terroristas usam bombistas-suicidas porque são armas de baixo custo, baixa tecnologia e baixo risco, esclarecendo que as mulheres estavam à disposição prontamente, solicitavam pouco treino, intensificavam a publicidade pelo choque que causam nos media e, como consequência, conseguiam mais recrutas, não deixavam rasto. É de destacar que, segundo este autor, a seleção das mulheres para as operações suicidas e os métodos usados são semelhantes aos usados com os homens.

Expondo o tópico anterior abre-se caminho para a necessidade de analisar o porquê do uso do feminino nestas organizações, que por preceito subjugam as mulheres, assim como as vantagens que essa mesma utilização acarreta. No sentido em que, de acordo com um oficial de segurança do GSG 9 alemão nas entrevistas feitas por Eileen Macdonald (1992) para o seu livro *Shoot the Women first*, as mulheres têm personalidades muito mais fortes, mais poder e mais energia que os homens e que, no momento de disparar uma arma, não hesitam.

Contudo, tendo em reflexão o nível de religiosidade, as organizações terroristas têm políticas diferentes em relação às bombistas-suicidas. Um exemplo é a Arábia Saudita que inicialmente se recusou a legitimar as mulheres como bombistas suicidas (Zedalis, 2004). No entanto, em 2001, o Alto Conselho Islâmico da Arábia Saudita emitiu uma *fatwa*⁴ a encorajar as mulheres palestinianas a tornarem-se bombistas-suicidas (Zedalis,2004).

“É verdade que o Islão não pediu às mulheres para fazerem jihad, mas permite que participem se as necessidades ditarem que as mulheres devem cumprir operações militares regulares ou operações suicida” (Fadlalah, 2001 citado em Zedalis, 2004, p.11)

Ainda assim, o Alcorão afirma que a *jihad* pode ser realizada tanto por mulheres como por homens, mas as mulheres só podem servir como combatentes quando já não existirem combatentes masculinos, sendo esta afirmação um impedimento para algumas organizações de as utilizarem (Zedalis, 2004).

“E a mulher é pastora da sua casa e responsável pelo seu rebanho. Então, minha irmã muçulmana, entende a responsabilidade que carrega? Oh irmã, eu vejo a nossa ummah como um corpo feito de muitas partes, mas a parte que funciona de forma eficaz na criação de uma geração muçulmana, é a parte da mãe cuidadora.” (Tarras-Wahlberg, 2015, p.10)⁵

Através desta citação retirada da revista *Dabiq* é possível verificar uma espécie de romantização da maternidade e do papel da mulher na organização, típico da propaganda jihadista - motor da radicalização.

Conhecedores da matéria alegam que muitas vezes as mulheres são solicitadas a desempenhar papéis em grupos terroristas, assim como nas

⁴ Interpretação de um ponto da lei islâmica

⁵ Tarras-Wahlberg, 2015- Texto original: “And the woman is a shepherd in her house and is responsible for her herd. So have you understood, my Muslim sister, the enormity of the responsibility that you carry? Oh sister in religion, indeed, I see the Ummah of ours as a body made of many parts, but the part that works most towards and is most effective in raising a Muslim generation is the part of the nurturing mother”

sociedades em geral: para oferecer este tipo de apoios, mais emocionais, mas também ideológicos, muitas vezes a maridos, filhos, pais ou irmãos (Tarras-Wahlberg, 2015).

Em síntese, são convidadas a ser mães, e muitas vezes é insignificante que sejam mães terroristas. Essas funções maternas expandiram-se para fornecer apoio logístico para a organização. As mulheres podem lidar com tarefas administrativas como lavar dinheiro, abrir contas bancárias e divulgar mensagens.

A atividade terrorista desenvolvida por mulheres é muitas vezes tratada como consequência de vários acontecimentos maus que sucederam como ter sido explorada, violada ou drogada (Sjoberg; Gentry, 2019)

Outros entendem o terrorismo feminino como uma procura de vingança pessoal pela perda de entes queridos, ou ainda a procura pela libertação das mulheres (Sjoberg; Gentry, 2009). Surge a questão de que muito poucos descrevem o terrorismo das mulheres com vínculo na devoção política à causa, apesar de tal devoção ser uma característica preponderante nas justificações do porquê dos homens optarem por cometer atos terroristas (Sjoberg; Gentry, 2009).

Deste modo, tendo em consideração o debate anterior, sabendo-se que o terrorismo, é uma realidade cruel no mundo em que nos movemos, e que este movimenta-se a ódio e violência, incutindo o terror, afigura-se como relevante investigar todas as dimensões que possam contribuir para o conter, nomeadamente perceber as questões do género no interior destas organizações.

1.3. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A investigação intitulada “Terror no Feminino: A posição da mulher no terrorismo” tem como objetivo reunir conhecimento sobre os vários papéis que as mulheres desempenham nas organizações terroristas islamistas e os seus contributos para o desenvolvimento das mesmas.

Na medida em que o terrorismo é uma das maiores ameaças à segurança internacional, a seleção deste tema passa pela necessidade de compreender melhor este fenómeno em que o foco principal é a participação da mulher e a imprevisibilidade que lhe está agregada relativamente a atos terroristas e, por conseguinte, poder facilmente passar despercebida ao trabalho de controlo e prevenção por parte das agências de segurança.

Pretende-se igualmente explorar a imagem da mulher perante as organizações terroristas islamistas: por um lado, analisar os abusos de que são vítimas, bem como as desumanidades de que são capazes com maior ou igual frieza à do sexo oposto.

Porém, existem grupos que defendem uma posição ativa da mulher, enquanto outros recusam ou só admitem a sua necessidade em questões excecionais (Pinto, 2018).

A presente investigação tem como propósito avaliar os principais contributos da mulher no terrorismo. Pretende-se analisar as eventuais vantagens que o feminino providencia às organizações terroristas, bem como a factualidade de também poderem ser vítimas ou membros ativos das mesmas.

Dentro das organizações a mulher pode ser considerada vítima das, pelo facto de serem muitas vezes usadas para tráfico com fins de exploração sexual, servidão e, ao mesmo tempo, uma das formas de financiamento da organização terrorista.

Segundo o *Foreign Policy*, numa notícia de 2014, os combatentes do Estado Islâmico estão a cometer violência sexual a uma escala industrial e, de acordo com as Nações Unidas, em Agosto de 2014 estimava-se que 1500 mulheres e adolescentes tinham sido forçadas a serem escravas sexuais.

O que começa como um conto de fadas, facilmente se torna um pesadelo. De acordo com Phyllis Chesler (2014) as mulheres e meninas que se juntam ao Estado Islâmico podem passar por situações como: estarem grávidas constantemente e terem

de dar à luz em condições primitivas; serem prisioneiras; enquanto “*holy war brides*”⁶ terem um horário para estar sexualmente com os combatentes iraquianos; e se forem jovens brancas com cabelo loiro ou ruivo há uma grande probabilidade de serem vendidas para a Arábia Saudita, Brunei e Estados do Golfo. Também a violação de mulheres foi utilizada como instrumento de guerra no passado (Bésenyo, 2016) e mantém-se até hoje por organizações como o Estado Islâmico. A violação da mulher é tão normal dentro da organização ao ponto de existir uma *fatwa* que atribui a condição de muçulmana à mulher capturada desde que esta seja violada por dez combatentes, uma conversão através do sexo não consentido (Pinto, 2018).

É ainda de notar que, segundo o *Global Justice Center* (2016), através de um estudo feito aos crimes baseados no género cometidos pelo *Daesh*, as mulheres capturadas da minoria *yazidi* eram divididas em três grupos: casadas com filhos, casadas sem filhos, e raparigas e mulheres jovens. Cada um destes grupos tinha destinos diferentes, sendo que as mais velhas e consideradas impróprias para serem vendidas como escravas sexuais eram assassinadas e enterradas em valas comuns. As mais jovens podiam ser imediatamente sujeitas a violações desde que virgens, caso contrário primeiro seria necessário “purificar o seu útero”.

A outra vertente a ser analisada passa pela mulher enquanto terrorista, a que executa ou contribui diretamente para a execução de ataques. Desta forma, irão ser investigadas as motivações das mesmas, demonstrando também a necessidade de reconfigurar a imagem da mulher que são entendidas como vítimas, passivas, impotentes, subordinadas e maternais.

Esta investigação incide no período entre 2013 e 2021, tendo em consideração que é a partir de 2013 que se começa a verificar um maior fluxo de mulheres a integrar organizações terroristas islamistas e também neste período que as organizações vão sofrer uma maior pressão militar e um maior número de casualidades.

É importante, neste estudo, analisar o papel da mulher em organizações terroristas islamistas, como o grupo *Boko Haram*, Estado Islâmico e *Al-Qaeda*.

O grupo *Boko Haram* é um exemplo que passou a utilizar mulheres e crianças do sexo feminino nos ataques suicidas na primavera e Verão de 2014, mas que no ano de 2013 já usava homens disfarçados de mulheres em ações terroristas (Pinto, 2018). Isto porque, desta forma, passariam mais facilmente pela vigilância das

⁶ noivas da luta sagrada

autoridades, *i.e.*, a mulher movimenta-se com maior facilidade devido às vestes volumosas, evitando a deteção de possíveis armas ou explosivos e pelo facto de, por norma, serem revistadas de forma menos rigorosa. Isto origina uma maior facilidade em chegar aos alvos mais importantes/relevantes de forma dissimulada, potenciando a eficácia do ataque (Pinto, 2018).

1.4. MAIS VALIAS - CONTRIBUTO DA INVESTIGAÇÃO

Ao analisar este tema é possível compreender melhor o papel da mulher dentro das organizações terroristas de matriz islâmica, papel esse que por norma é considerado apenas secundário e de pouca relevância. Desta forma, a investigação contribuirá para entender quais são as motivações das mulheres para ingressar nas organizações terroristas, assim como as funções que desempenham e tentar ainda perceber em que situações elas são vítimas ou autoras de atos terroristas.

Assim, o presente estudo poderá abrir caminho para uma maior preocupação e atenção ao género feminino dentro destas organizações, quer pelas atrocidades a que muitas mulheres estão sujeitas e que devem ser tidas em consideração, quer pela capacidade que elas têm de planeamento e de apoio logístico, assim como de recrutamento, tornando-as tão cúmplices de atos terroristas e tão perigosas quanto os homens.

A investigação traz, de certa forma, uma nova visão da problemática do terrorismo islâmico, uma visão difícil e arriscada, mas que deve ser investigada para melhor compreender as organizações terroristas islamistas e o tipo de suspeitos e ameaças que poderemos vir a enfrentar.

Sabe-se que as mulheres, ao longo da história, sempre tiveram de lutar com persistência por direitos, por melhores condições, e que são as primeiras a ser vítimas dos mais diversos crimes. Sabe-se também que a ideologia extremista islâmica, que segue o Corão de forma literal, menospreza e destrata as mulheres, mas isso não quer dizer que não possam precisar delas para cometer os mais hediondos crimes e não quer dizer que estas mulheres não possam ser brilhantes e empenhadas a fazê-lo.

É o que se anseia entender.

1.5. ESTRUTURA DA INVESTIGAÇÃO

O trabalho está estruturado em quatro capítulos:

O Primeiro capítulo é o da introdução, onde se apresenta um enquadramento teórico da temática em estudo, em que se justifica a relevância do tema e se expõem e delimitam os objetivos da investigação, assim como o contributo que esta poderá trazer.

No segundo capítulo é feita a revisão da literatura, onde é tratado o tema e que serviu para enquadrar e melhor compreender os conceitos chave sobre a temática e onde se analisou o que existe de bibliografia acerca da posição da mulher nas organizações terroristas enquanto vítima, mas também a mulher enquanto terrorista, assim como a condição feminina enquanto estratégia por parte destas organizações.

Desta forma, adquiridos conhecimentos sobre estes pontos, no terceiro capítulo é apresentada a metodologia utilizada ao decorrer da investigação, caracteriza-se a natureza da investigação, incluindo as técnicas e instrumentos de recolha de dados e os participantes.

O quarto capítulo está reservado para o tratamento e análise dos dados relativos às entrevistas realizadas, relevando algumas respostas dos entrevistados às perguntas que sustentam a investigação.

No quinto capítulo apresentam-se as conclusões, os principais resultados com a investigação, assim como as respostas à pergunta de partida e perguntas derivadas, as limitações do estudo e ainda, as sugestões para investigações futuras.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Existem diferentes tipos de terrorismo, o que têm em comum é desencadear e difundir um estado emocional específico e coletivo: medo extremo e sensação de vulnerabilidade generalizada. Nesta perspectiva, o terror substitui o Deus e é ele que se torna superior. Este medo torna-se mais duradouro e persistente. Além disso, se o medo é individual, o terror é coletivo: o ataque procura mergulhar toda uma comunidade num certo estado de espírito (Vrin, 2018), afetando principalmente os civis, a qualquer hora e em qualquer lugar.

Segundo um estudo da *Foundation pour L'innovation Politique* (2021) é possível compreender a imprevisibilidade que caracteriza o terrorismo e o trauma que pode causar na população, explicando o quão indefesas estão as democracias por representarem uma ordem política baseada na liberdade e nos Direitos Humanos, sendo que as pessoas no mundo democrático estão mais traumatizadas com a violência terrorista devido ao declínio da violência nas sociedades em que se inserem e da sensação de vulnerabilidade constante que sentem perante o terrorismo.

Resumindo as organizações às quais se faz referência nesta investigação:

- A *Al-Qaeda*, remete para uma ideologia radical do Islão Sunita. A primeira divisão do Islão teve origem numa controvérsia em relação ao sucessor do Profeta Maomé. Os sunitas consideravam *Abu Bakr* como o sucessor ideal, ao contrário dos xiitas que consideravam que devia ser Ali, o quarto califa sucessor. O conflito entre xiitas e sunitas intensificou-se e deu origem à batalha de Karbala onde os apoiantes de Ali foram massacrados. Esta batalha é considerada o ponto definitivo de rutura que originou a maior divisão do Islão, entre a maioria xiita e a maioria sunita e que nos dias de hoje resulta numa percentagem de 60% de sunitas e apenas 17 a 18% xiitas (O terror entre nós, 2018).
- O Estado Islâmico é, sem dúvida, a maior ameaça, porque opera de várias maneiras, tem um poder de alcance gigante e uma crueldade intransigente. A mobilização de mulheres no Estado Islâmico, começou em 2013, havendo um aumento a partir de 2014 após a proclamação do

Califado (Costa, 2019). A estratégia do Estado Islâmico é promover o caos e a globalização da jihad, fazendo do Islão a única ordem política e social e educar os jovens para estabelecer uma sociedade militarizada (FPIP, 2021)

Segundo José Filipe Pinto (2018) houve uma alteração estratégica em 2014 quando o Estado Islâmico apelou no seu jornal à participação de mulheres recorrendo ao passado para lembrar que na Idade de Ouro Islâmica, as mulheres tinham participado no combate.

- O *Boko Haram*, que na língua hausa pode ser traduzido como “a educação ocidental é um pecado”, é uma organização que defende um islão salafista jihadista hostil a qualquer influência ocidental. Esta organização assumiu controlo de novas áreas e tem feito inúmeros ataques. Entre 2009 e Maio de 2021, o *Boko Haram* foi responsável por 3.621 ataques, onde fez 25.719 mortes o que é aterrorizante (*Foundation pour l'innovation politique*, 2021).

Segundo Pinto (2018) este grupo começou a utilizar mulheres e crianças do sexo feminino nos ataques suicidas na Primavera e Verão de 2014, tendo como objetivo criar também um Estado Islâmico no Noroeste da Nigéria. O que é surpreendente é o facto de que, segundo o mesmo autor, em 2013 já utilizavam homens disfarçados de mulheres, o que leva a perguntar-nos se a razão não estará associada a um controlo e vigilância facilitado perante as mulheres.

Os membros femininos do *Boko Haram* entre 2014 e 2018, mataram 1200 pessoas, mostrando eficácia e representam 2 / 3 dos bombistas suicidas do grupo (Bigio; Volgestein, 2019).

Entre os grupos terroristas que inicialmente proibiam a participação ativa de mulheres estava a Al-Qaeda, fundada por Osama Bin Laden em 1988 (Pinto, 2018). Contudo, é característica desta organização adaptar-se às mudanças políticas através de estratégias que vão para além do controlo de governos locais, e se a Al-Qaeda já foi relutante em relação à utilização das mulheres, algo mudou. Foram criadas seis *fatawas* para permitir que as mulheres participassem em operações terroristas como

mártires, ainda que Bin Laden tenha expressado muito bem o papel da mulher como apoiante.

“Our women had set a tremendous exemple for generosity in the cause of Allah; they motivate and encourage their sons, brothers, husbands to fight for the cause of Allah in Afeghanistan, Bosnia. Chechnya and in other countries.” (Katharina Von Knop, 2007, pp 405)⁷.

Ainda assim, no artigo *“Obstacles in the Path of the Jihad Warrior Woman”* escrito por Umm Badr ele diz: *“My noble sisters (· · ·) The woman in the family is a mother, wife, sister and daughter. In society she is an educator, propagator and preacher of Islam, and a female jihad warrior.”*⁸, alterando esse papel de apoio para um papel multifacetado e relevante (citado de Katharina Von Knop, 2007, pp 407).

Para Katharina Von Knop, apesar da *Al-Qaeda* utilizar muito as mulheres como bombistas suicidas, o papel de facilitadoras, apoiantes dos maridos combatentes e até apenas de mães de uma nova geração tem uma importância gigante, porque são estes papéis que permitem às organizações sobreviverem, deixando ainda claro que o terrorismo não é só para homens.

⁷ Tradução: “As nossas mulheres definiram um exemplo tremendo de generosidade para a causa de Alá; Elas motivam e encorajam os seus filhos, irmãos, maridos a lutar pela causa de Alá no Afeganistão, Bósnia, Chechénia e noutros países”.

⁸ Tradução: “Minhas nobres irmãs(...) A mulher na família é mãe, esposa, irmã e filha. Na sociedade ela é uma educadora, propagadora e pregadora do Islão e uma guerreira da jihad feminina”.

A POSIÇÃO DA MULHER NO TERRORISMO

A atitude para com a violência em geral e violência terrorista em particular é diferenciada ao longo das linhas do género. Enquanto a abordagem masculina à guerra e a violência é descrita com mais frequência em termos de competição, intransigência, e territorialidade, a abordagem estereotipada feminina à violência é mais frequentemente associada com moderação, compromisso, tolerância e pacifismo (Dalton; Asal, 2011).

É habitual considerar os homens perpetuadores de violência enquanto as mulheres são menos propícias a envolverem-se em atividades terroristas, e mais prováveis de serem vítimas do que combatentes em conflitos terroristas (Hamilton, 2007).

Ainda assim, se olharmos para a história, as mulheres participaram em várias atividades militares quer como combatentes, quer como revolucionárias noutras tipologias de terrorismo, como por exemplo na ETA onde a violência sempre foi um ponto central na teoria feminista e no ativismo (Hamilton, 2007).

As mudanças nas relações sociais – incluindo o género – ao longo das últimas décadas tiveram um impacto significativo nos padrões de participação das mulheres na ETA, com mais mulheres a entrar para a organização, especialmente como ativistas armadas e líderes (Hamilton, 2007). Se pensarmos no mais velho grupo revolucionário da Colômbia, FARC-EP, também encontramos mulheres revolucionárias a utilizar a violência numa tentativa obter mais igualdade e um maior controlo das suas próprias vidas, em que as políticas se dirigiam maioritariamente para as mulheres que viviam exclusão social, económica e política.

Ao participarem nas guerrilhas, conseguiam proteção da violência diária a que estavam sujeitas, além de liberdade sexual, havendo uma política de tolerância zero em relação a violações (Welsh, 2015). No fundo, ambicionavam a autodeterminação e demonstrar que podiam ser tão fortes e tão corajosas quanto os homens.

Apesar de mencionar organizações nacionalistas/revolucionárias, muito diferentes de organizações terroristas islamistas, talvez facilite o entendimento sobre qual poderá ser a posição da mulher no terrorismo islâmico e quais as razões para a integração. Será uma procura pela autodeterminação? Será para ter um papel na sociedade? Será para mostrar força e coragem? Será por vingança? Ou por amor? O exemplo das Viúvas Negras, mostra-nos uma forma extrema de vingança.

O nome “Viúvas Negras” foi dado às bombistas da Chechénia pela Rússia e imprensa internacional pelo facto de muitas delas se terem tornado terroristas para vingar a morte dos maridos, dos filhos e dos irmãos (Speckard; Akhmedova, 2006).

Contudo, segundo um estudo de Anne Speckard e Khapta Akhmedova (2006), as motivações não se baseavam só num sentimento de vingança, mas também no trauma e nos problemas psíquicos derivados do mesmo, na ideologia religiosa e no género, deixando claro que, apesar de alguns jornalistas russos terem escrito que as mulheres da Chechénia eram raptadas, drogadas e violadas para serem encorajadas a participar em atividades terroristas, não foram encontradas evidências disso. Pelo contrário, encontraram fortes evidências de que se auto-recrutavam e tinham uma grande vontade de serem mártires em nome da independência do seu país, e das pessoas que perderam.

Se olharmos para o presente, encontramos nomes como Rosa Cassamo, nascida em Cabo Delgado, é uma das líderes jihadistas em Moçambique e tem um papel preponderante na mobilização de outras mulheres para a causa jihadista (RTP notícias, 2021).

Outro exemplo é o de Samantha Lewthwaite, umas das terroristas mais procuradas pelas forças de segurança, integrante do grupo *Al-Shabaab*⁹.

Samantha é britânica e está associada a alguns ataques terroristas. Ainda assim, após os ataques de 7 de Julho de 2005 em Londres, foi interrogada acerca do marido, em que condenou as ações do mesmo e afirmou que era um homem inocente, ingénuo, mas que lhe tinham envenenado a mente. Contudo, talvez nenhum dos dois fosse ingénuo ou inocente, porque após o interrogatório Samantha conseguiu desaparecer e já esteve no Quénia e na Somália, usando diferentes identidades para conseguir fugir (BBC,2013).

Considerada na sua juventude como inocente, pouco confiante e muito tímida, foi convertida ao Islão após fazer amizade com uma mesquita local (BBC, 2013).

Em 2008, após o marido ter cometido o ataque de 7/7 e ter morrido no mesmo, procurou encontrar outro marido, e para surpresa, jihadista.

Também, Ângela Barreto, luso-holandesa, é um exemplo de uma mulher que aderiu ao Estado Islâmico e teve um papel relevante na preparação de crimes de terrorismo, no recrutamento de jovens e fornecimento de armas. Em 2014, viajou para a síria e casou-se com um combatente do *daesh*, mas em 2020 após ser condenada a quatro anos e meio de prisão na Holanda, diz-se arrependida (Observador, 2020).

⁹ Grupo terrorista e fundamentalista islâmico que atua principalmente na Somália

Os exemplos supramencionados demonstram que a mulher pode posicionar-se no terrorismo como facilitadora de ataques, recrutadora, e até líder, não ignorando o facto de que muitas outras são vítimas destas organizações como analisado no seguinte subcapítulo.

2.1. A MULHER ENQUANTO VÍTIMA

Se olharmos para o Mundo Islâmico, percebemos que a mulher sempre foi considerada um ser inferior, com menos direitos, com deveres e obrigações que pouco se devem ao que ela deseja ou precisa, mas ao que deve providenciar ao homem e à família.

Muitos grupos extremistas promovem uma ideologia que classifica as mulheres como cidadãos de segunda categoria, e obtêm benefícios estratégicos e financeiros, através da subjugação das mulheres. O *Boko Haram*, o Estado Islâmico, a *Al-Qaeda*, *Al-Shabaab* e outros grupos usam a violência sexual para aterrorizar as populações, transferir civis de áreas estratégicas, determinar a união entre os combatentes e até produzir lucro através do tráfico. Restringir os direitos das mulheres também permite que controlem a reprodução e aproveitem a participação feminina (Bigio; Vogelstein, 2019)

O terrorismo tem mostrado os seus esforços para restringir o acesso à educação, cuidados e serviços de saúde, além de todos os atos que limitam a participação da mulher na vida em sociedade (Pinto, 2018). É suficiente olharmos para o Afeganistão, e perceber que no momento em os talibãs voltaram ao poder, as mulheres deixaram de ter acesso à educação.

No contexto do islamismo, as mulheres são frequentemente retratadas como sexualmente insaciáveis porque as suas paixões sobrecarregam a sua razão.

É por esta razão que, embora ambos os sexos devam ser modestos e devam procurar evitar o olhar de estranhos do sexo oposto, impedindo assim a excitação, são as mulheres que utilizam véu. Embora o véu tenha muitos significados e possa ser facilmente usado para o anonimato, para ocultar um caso de adultério, como pode ser usado para a modéstia, no seu significado mais básico, anuncia ao mundo que a pessoa está a comportar-se adequadamente e eliminou a possibilidade de interação imprópria e desejo sexual. A mulher que utiliza véu preocupa-se com uma ordem social permanente (Shalinsky, 2014).

Um exemplo da mulher como um ser com desejos descontrolados e impróprios e que deve manter-se longe dos olhares dos homens e preocupar-se e contribuir para a ordem social, neste caso através da utilização do véu.

Existe um controlo excessivo da mulher na sua própria vida. Não podem ser independentes, não podem ter conhecimento, não podem querer reivindicar mais direitos do que aqueles - poucos - que lhes são dados, não podem pensar livremente,

mas têm diversos deveres, como ser mães e fazer as lides da casa, não andarem sozinhas na rua, no fundo, serem propriedade. E esta é uma forma de ver as mulheres que vivem neste contexto social como vítimas, porque o são. Vítimas de um regime, e de uma visão extremada da sua própria religião que as impede de serem dignas de direitos humanos elementares.

Segundo o Shaykh Umm Abdullah al-Waadi'iyya, no seu livro *My Advice to Women*, no capítulo sete, ele refere que a mulher sempre que sai à rua tem de pôr o *hijab*, não pode utilizar perfume e deve ter um passo lento para que ninguém ouça os seus passos, além de que deve sempre pedir permissão ao seu marido ou guardião.

Em relação ao facto de a mulher tornar-se combatente, diz-nos que não há problema se ela for precisa no campo de batalha, mas que há várias razões para não o fazer, porque quebra um princípio essencial do Islão: A mulher não pode sair de casa quando é lá que deve permanecer.

Diz-nos ainda que a mulher é a pior tentação que um homem pode ter e que por isso devem ter atenção e cuidado em relação às mesmas.

“Women are all evil and the most evil of what is in them is not being free of want from them. In spite of the fact that woman would have shortcomings in understanding and religion, she would make a man to do what contains shortcoming in understanding and religion like preoccupying him from seeking after religions matters and prompting him to dangerous situations to seek for the world. This is the worst of corruptions.”¹⁰ (Al-Waadi'iyya ,2012, pp179)

Nesta passagem a mulher é considerada o pior dos males e capaz das maiores corrupções, é ela que influencia o homem a desviar-se da religião. Todas estas afirmações estão na base do Islão, que para quem o segue cegamente, é difícil ter outra perspetiva da mulher.

Segundo um artigo da autoria de Umm Summayyah Al-Muhajirah, publicado na revista *Dabiq* intitulado de “*Slave Girls or Prostitutes*”, revista propagandista do Estado Islâmico, afirma que a escravização da mulher poderá vir-se a tornar uma bênção para a mesma, pois sendo escrava de um muçulmano a mulher pode ter acesso ao Islão e encontrar tudo o que precisa. Uma prática que deve ser incluída nos crimes contra a mulher e contra a humanidade, e que como Filipe Pinto diz, a *abaya* e a *burqa* podem apenas esconder o corpo e marcas físicas das atrocidades a que tantas mulheres são sujeitas, mas nada apaga as feridas da alma (2018).

¹⁰ Tradução: As mulheres são todas más e o pior de tudo o que existe nelas é não estar livre da necessidade delas. Apesar do facto de que a mulher teria falhas na compreensão e religião, ela faria um homem fazer o que contém falhas na compreensão e religião, como preocupá-lo de em procurar religiões e levá-lo a situações perigosas para explorar o mundo. Esta é a pior das corrupções.

2.1.1. AS YAZIDI

“Ao longo dos últimos anos, ouvi montes de histórias sobre outras mulheres yazidi que foram capturadas e escravizadas pelo ISIS. Fomos todas vítimas da mesma violência. Fomos compradas no mercado ou dadas como presente a um novo recruta ou a um comandante de alta patente, levadas para a sua casa onde fomos violadas e humilhadas e, na maior parte dos casos, também espancadas. Então fomos vendidas ou dadas de presente, outra vez e novamente violadas e espancadas, depois vendidas ou dadas a outro militante, e violadas e espancadas por ele, e sempre assim enquanto fôssemos desejáveis (...) A violação era a pior parte. Despojava-nos da nossa humanidade e tornava qualquer pensamento futuro – regressar à sociedade yazidi, casar, ter filhos, ser feliz – impossível. Preferíamos que nos matassem.”

Nadia Murad, 2021

Sobrevivente do *Daesh*

O caso dos Yazidi é extremo, não pelo nível de organização e institucionalização do tráfico de escravas sexuais yazidi pelo EI, mas também porque foi feito de acordo com a proclamação oficial e explícita da organização.

Para maior compreensão, os yazidis, chamados de adoradores do diabo pelos muçulmanos, são uma minoria étnica que acredita no yazidismo, uma antiga religião monoteísta que tem elementos comuns com várias religiões do médio Oriente.

Atualmente, só existem cerca de um milhão de yazidis (Murad, 2021), e foram desde sempre sacrificados e olhados com desdém e preconceito pelas comunidades à sua volta. Têm sobrevivido a gerações de ataques com o propósito de os dizimar, e são um dos maiores alvos do Estado Islâmico.

Prova disso foi o que aconteceu em Agosto de 2014, em que o *Daesh* atacou o local onde vivia a minoria *yazidi* no Norte do Iraque, um ataque que se pode considerar de genocídio pelas atrocidades cometidas e pelo número de mortes causadas.

O primeiro passo para determinar se o um genocídio está a ocorrer é identificar a intenção específica de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso. Esta intenção genocida específica pode ser deduzida de uma série de fatores, incluindo os atos cometidos, o contexto geral em que os atos ocorreram, e através das declarações de alegados autores.

O Estado Islâmico cometeu atos horríveis contra mulheres e crianças *Yazidi*. Foram capturadas, mortas, separadas das famílias, transferidas à força, vendidas e oferecidas, violadas, torturadas, detidas na escravidão e escravidão sexual, casadas à

força e forçadamente convertidas, destruindo a comunidade yazidi nos territórios ocupados pelo EI (Nasir, 2019).

Além da violação, a gravidez forçada causa graves danos mentais às vítimas pelo facto de as forçarem a dar à luz os filhos de agressores. Por exemplo, as vítimas que engravidam por violação neste contexto podem ficar tão traumatizadas psicologicamente que são incapazes de ter experiências sexuais.

Além disso, e mais grave, a impregnação forçada pode causar lesões corporais, especialmente quando as vítimas são jovens, incapazes de ter uma gravidez saudável e incapazes de receber cuidados médicos apropriados (Global Justice Center, 2016).

O objetivo do Estado Islâmico era claro, uma limpeza étnica e um aproveitamento das mulheres para a sua causa. Homens que se recusaram a converter-se ao Islão foram executados e atirados em valas comuns; as mulheres foram reduzidas à escravatura, distribuídas sobre os guerreiros islamistas como troféu, negociadas e usadas como escravas sexuais; os rapazes foram separados das famílias, convertidos forçadamente para serem treinados como combatentes islamistas e muitas vezes enviados para a sua morte em missões suicidas (Cheterian, 2019). Estas mulheres viveram horrores; foram algemadas e presas por dias, deixadas à fome e sede; foram espancadas e violadas, vendidas uma e outra vez a novos membros do ISIS.

Cerca de 2240 Yazidis foram executados por combatentes do ISIS em Sinjar e aldeias vizinhas, e mais de 5800 mulheres e crianças foram raptadas (Cheterian, 2019). Dois anos após estes acontecimentos, um relatório da ONU estimou que 3200 mulheres Yazidi estavam ainda mantidas em cativeiro pelo EI.

A estas mulheres Yazidi, segundo Vicken Chaterian (2019), não lhes eram dadas *'abayas*, o vestido longo preto, que as mulheres eram obrigadas a utilizar sempre que em público, para evitar que estas conseguissem escapar facilmente e como estratégia para as manter dentro de casa. Muitas delas foram vendidas em mercados de escravos por sete a catorze dólares. Qualquer homem as podia ter, adquirir, comprar, como um produto, e pior, além de qualquer homem poder ficar com uma yazidi, ficavam sujeitas a serem compradas rapidamente por outro homem e muitas vezes, violadas por vários ao mesmo tempo.

De acordo com Pinto (2018), foi criado um manual de instruções que reduzia a condição humana à dimensão animal e que originou o Daesh 's Research and Fatwa Department. Ficava claro que os membros do Daesh podiam comprar, vender ou dar

como presente, uma vez que são consideradas propriedade. Isto aconteceu com milhares de mulheres e meninas yazidi, que viram os seus familiares serem mortos e que tiveram de se converter ao Islão e tornar-se propriedade dos combatentes. Estas mulheres, eram consideradas devotas do diabo e por isso, só poderiam ser convertidas se violadas por 10 combatentes do Estado Islâmico (Pinto, 2018). Perdiam a identidade, perdiam a vida, mesmo não estando mortas.

Para o Estado Islâmico, a violência sexual cometida contra as mulheres yazidi, vem dos ensinamentos do Islão que dá permissão aos combatentes para escravizar os derrotados na Jihad, usando a violência sexual sobretudo como estratégia de guerra para conseguir objetivos políticos e religiosos (Jaffal, 2020).

No entanto, os autores do artigo da Dabiq também parecem estar conscientes sobre a história, e que por 1400 anos os muçulmanos não forçaram conversões e toleraram diferenças religiosas. Esta referência na publicação do EI, diz que os muçulmanos toleraram *kuffars* (infiéis) Yazidi por 14 séculos, um "erro" que eles veem corrigir-se através da violência descrita (Cheterian, 2019).

Esta violência exercida contra as *yazidi* foi também cometida por outras mulheres, ao terem papéis mais ativos dentro da organização. Num excerto do livro biográfico de Nadia Murad, onde esta conta a sua experiência enquanto escrava do Estado Islâmico ela diz ao descrever a sua primeira interação com uma mulher dentro do EI:

“Não mostrou qualquer afeição ou compaixão por mim, apenas alegria ao saber que tinha sido obrigada a converter-me e que havia menos uma yazidi no Iraque (...) O que eu não compreendia, porém era a razão por que uma mulher se juntava aos jihadistas e celebraria abertamente a escravização de raparigas (...) As pessoas assumem que as mulheres, e em particular as do Médio Oriente, são demasiado dóceis para serem violentas. Mas há muitas mulheres no ISIS e, como os homens, rejeitam todas as religiões, exceto o Islamismo e pensam que, juntando-se aos terroristas, estão a ajudar a causa maior que é a construção do seu califado sunita. Como os homens, consideram-se vítimas da opressão sectária e da invasão americana” (Murad,2021).

É importante notar que o massacre cometido aos Yazidi e a utilização das mulheres como escravas sexuais, foi, uma tentativa de ‘limpar’ os territórios que o ISIS queria controlar e através dessa limpeza étnica beneficiar com o lucro da venda de escravas, mas não só. O Estado Islâmico podia ter ‘simplesmente’ traficado estas mulheres, mas converteu-as, e abusou delas vezes e vezes sem conta e usou-as como troféu para os combatentes e como promessa para tantos outros que ainda esperavam recrutar.

Tiraram-lhes a identidade, tiraram-lhes os filhos também para os transformarem em soldados do *Daesh*, pequenas máquinas de guerra, que vão ser o futuro da jihad, que vão matar em nome de um Deus que nem era o deles.

Estas mulheres Yazidi perderam toda a vontade de viver, muitas suicidaram-se assim que tiveram oportunidade.

2.1.2. RAPTO, EXPLORAÇÃO SEXUAL E ESCRAVIDÃO

O tráfico humano é uma ferramenta eficaz para diversos propósitos das organizações terroristas, primeiro porque facilita o recrutamento e retenção de *Foreign Fighters* e segundo porque oferece um mecanismo de recompensa para os combatentes “bem-sucedidos” (Binetti, 2015).

Distrair e desestabilizar as comunidades locais é um elemento-chave para o processo de radicalização nas organizações terroristas. As operações de tráfico humano são uma forma de ganhar autoridade sobre territórios conquistados e espalhar a ideologia. Tanto na Nigéria como no Iraque, o tráfico é uma forma de intimidar a população e contribuir para a migração.

Este *link* entre o tráfico humano e o terrorismo traz consequências como uma só pessoa poder ser identificada como vítima de tráfico e ao, mesmo tempo, ator de um ato terrorista. Apesar da crescente atenção dada às vítimas do terrorismo, na prática, medidas concretas a nível nacional ou global para respeitar, proteger e cumprir os direitos humanos das vítimas do terrorismo são embrionárias e não foram estabelecidas amplamente. Além disso, embora tenha havido um aumento considerável na atenção dada às vítimas no contexto de ambos os crimes, os desafios permanecem, uma vez que as vítimas são frequentemente estigmatizadas ou rejeitadas pelas suas comunidades (OSCE, 2021).

Vários grupos terroristas usam o tráfico humano como forma de recrutar novos membros e financiar as suas operações. O Estado Islâmico sistematicamente comprou e vendeu mulheres e raparigas, atraindo milhares de recrutas masculinos ao oferecer mulheres e raparigas raptadas como “esposas”, e gerou lucros significativos através do tráfico sexual, escravatura sexual e extorsão através do resgate.

Vários estudos académicos exploraram o uso da exploração sexual pelo Estado Islâmico e um artigo publicado pela Henry Jackson Society em 2017 conclui que os terroristas usam violência sexual, incluindo violação, escravidão sexual e casamento forçado para apoiar e fortalecer os recrutas, e ao mesmo tempo punir os infiéis (OSCE, 2021).

As Nações Unidas estimaram que os pagamentos de resgate extraídos pelo Estado Islâmico ascenderam a entre 35 milhões e 45 milhões de dólares só em 2013. Esta prática é implementada por outros grupos terroristas também: No norte da Nigéria e na região do Lago Chade, o grupo *Boko Haram* rapta mulheres e raparigas como uma tática deliberada para gerar pagamentos através do resgate, trocar prisioneiros, ou atrair as forças de segurança para uma emboscada. Algumas destas raparigas raptadas são então coagidas a ataques suicidas; sendo que, uma em cada três bombistas suicidas do *Boko Haram* é menor.

Em 2014 raptaram as Chibok da sua escola, o que originou um movimento pelo mundo inteiro *#BringBackOurGirls*, que pedia ao Presidente Goodluck Jonathan para salvar as vítimas. Isto trouxe uma maior atenção para o grupo, mas infelizmente, embora o foco nas raparigas vitimadas tenha ajudado a obter apoio internacional, o esforço ignorou o papel que as mulheres e as raparigas desempenham nas operações e ideologias da organização.

O *timing* da utilização das mulheres pelo grupo como armas de guerra está em conformidade com o uso da violência baseada no género a nível global como estratégia de recrutamento de organizações terroristas em conflitos tão diversos como a Turquia, o Sri Lanka e o Iraque. Além disso, o uso de bombistas suicidas femininos pelo *Boko Haram* liga-o a um movimento extremista global maior, que está a integrar cada vez mais combatentes femininas e bombistas suicidas.

No entanto, o alistamento forçado e o destacamento de jovens mulheres e raparigas são uma característica diferenciadora do *Boko Haram* entre outras organizações terroristas, muitas das quais beneficiaram da participação feminina (Bloom; Matfess, 2016)

Ao analisar a propaganda do grupo é possível verificar que este se diferencia dos outros grupos salafistas na Nigéria, sendo que alguns chegaram a defender o direito das mulheres à educação. A adoção, pelo grupo, de bombistas suicidas e o crescente uso das mulheres nas operações decorreram num contexto de crescente violência sexual contra as mulheres para fins políticos. A violência sexual é, sem dúvida, uma ferramenta tática para impor o cumprimento da população, manter os

combatentes masculinos, deslocar civis de áreas estratégicas e impulsionar a instabilidade (Bigio;Vogelstein, 2019).

Em 2014, a representante das Nações Unidas da Violência Sexual em conflitos, Zainab Hawa Bangura, apresentou relatórios alarmantes de violência exercida contra as mulheres, em tempos de conflitos. Dentro dos grupos listados como suspeitos de crimes sexuais, estava o *Boko Haram* e o *Daesh*.

De acordo com Elizabeth Pearson e Jacob Zenn, mais de 200 bombistas suicidas explodiram-se desde Junho de 2014 matando mais de mil pessoas na Nigéria (Anyadike, 2016). A maioria destas mulheres tinham entre 10 e 20 anos de idade, crianças e jovens mulheres que foram forçadas a entrar no grupo e radicalizadas para cometerem este tipo de ataques. Raptar mulheres é uma estratégia do *Boko Haram* e surgiu na sequência da detenção pelo governo nigeriano das esposas dos comandantes do *Boko Haram*, incluindo o líder do grupo, Abubakar Shekau. A sua vingança – iniciada em 2013 – inicialmente focou-se no rapto de mulheres cristãs, na sua exploração sexual e na conversão forçada. As mulheres muçulmanas eram geralmente libertadas; Todos os homens foram mortos.

Contudo, algo mudou e as mulheres e raparigas são raptadas independentemente da religião, violadas a pretexto de casamentos falsos, os seus abusos são usados para criar união entre os combatentes e espalhar o medo na comunidade (Bloom; Matfess, 2016)

Podemos perguntar-nos se estas mulheres são vítimas ou não, ao cometerem estes ataques, mas parece-me que, apesar de nem todos os casos serem iguais, meninas que foram coagidas a cometer ataques suicidas não tiveram grande opção. Quando se tem dez anos não se tem uma opinião clara e formada, não se defende uma ideologia extremada do Corão ao ponto de terminar com a própria vida e a de milhares de pessoas. Foram mártires sem opção.

2.2 A MULHER ENQUANTO TERRORISTA

A participação feminina nas organizações terroristas islamistas é um tema ainda recente, porque é controverso, complexo e a meu ver porque é perturbador pensar na mulher enquanto terrorista. As mulheres são olhadas como mães, irmãs, esposas, mas não como assassinas.

Quando se pensa no papel da mulher no terrorismo, automaticamente pensamos nelas enquanto vítimas e pessoas que são humilhadas por razões políticas e religiosas. A mentalidade de que as mulheres são apenas vítimas e não perpetradoras de crimes faz com que seja difícil pela sociedade aceitar a existência de mulheres terroristas. Ainda assim, é exatamente isso que algumas se tornam e com mais vantagens que os homens, por serem menos suspeitas, por passarem mais facilmente pelo controle das autoridades e por conseguirem esconder com maior facilidade coletes suicidas (Bizovi, 2014).

Apesar do contexto em que muitas mulheres vivem ser difícil e encontrarem-se com menos opções e oportunidades, serem menosprezadas e usadas, seria injusto argumentar que as mulheres têm obrigatoriamente motivações diferentes dos homens para cometer ataques. As mulheres pensam por elas próprias e é evidente que existem vários fatores que afetam a decisão de alguém se juntar a uma organização terrorista, que podem ser laços familiares, vontade de ganharem o seu lugar na comunidade, sentirem-se úteis, sentirem que pertencem a uma causa. Mas será assim tão diferente entre homens e mulheres?

A noção de mulheres como o género mais alimentício tem estado presente durante um período significativo; portanto, quando as mulheres são autoras de violência, há um maior nível de espanto social do que com os homens. Contudo, os homens não foram os únicos a ser surpreendidos pela violência feminina. Durante o Holocausto, os atos violentos das mulheres foram impactantes para aqueles que as rodeavam, incluindo outras mulheres. No contexto das maiores atrocidades cometidas durante o Holocausto, foi incomodativo perceber que as mulheres eram atores mais violentos quando comparadas com os homens (Bizovi, 2014).

Interessa notar de início que a participação da mulher em organizações terroristas não é igual em todos os grupos.

Segundo, Amin Saikal, num artigo para o *Journal of Muslim Minority Affairs* (2016), enquanto alguns grupos extremistas islâmicos, como o Estado Islâmico (EI), têm defendido o envolvimento direto das mulheres na defesa do Islão, outros, por

exemplo, a Al-Qaeda, apoiaram apenas um papel de apoio às mulheres, principalmente com o objetivo de produzir a próxima geração de jihadistas.

O grupo Boko Haram também passou a utilizar mulheres e meninas entre os sete os dezassete anos para atacar civis em mercados, paragens de autocarros e mesquitas (Bloom; Matfess, 2016). A maioria dos grupos jihadistas radicais enviou mulheres para operações de combate, incluindo atentados suicidas.

Em 2017, o *Global Extremist Monitor* registou 100 ataques suicidas diferentes, levados avante por 181 mulheres. Em 2016 as mulheres constituíram 26% das detenções por terrorismo na Europa, mais de 18% do ano anterior.

A falha em compreender o porquê das mulheres se radicalizarem, por parte do Contraterrorismo trouxe ainda maiores benefícios aos seu envolvimento em grupos terroristas (Bigio; Vogelstein, 2019).

Muitos grupos promovem a ideologia que classifica a mulher como cidadão de segunda categoria e oferecem vantagens estratégicas e económicas com a sua subjugação.

Segundo um estudo para o *Council on Foreign Relations* (2019) os ataques cometidos por mulheres têm crescido não apenas em número, mas também em severidade. Na Nigéria, o ataque mais mortífero em 2018 envolveu três mulheres bombistas que mataram 20 pessoas. Na Indonésia o ataque que causou mais casualidades em décadas foi perpetrado por duas famílias que incluíam mulheres e filhos. Os ataques cometidos por bombistas suicidas femininas são, em média, mais letais do que aqueles cometidos por homens. Enquanto muitas mulheres são raptadas e forçadas a cometer atos de violência, muitas outras juntam-se voluntariamente a grupos terroristas por motivos semelhantes aos homens. É a essas mulheres que este capítulo é dedicado.

2.1.3. AS MOTIVAÇÕES

Existem variadas razões para as pessoas participarem em organizações terroristas, que podem ir desde motivos políticos, sociais, psicológicos a culturais. Isto varia conforme a pessoa e o tipo de organização (Bizovi, 2014).

Spindlove e Simonsen (2013) notam que existem três categorias principais de motivações: Racional, psicológica e cultural. Dentro destas categorias existem diferentes fatores que influenciam e ditam o desejo de um indivíduo de se envolver em atos terroristas.

O conceito que suporta um terrorista racional é que o indivíduo faz uma comparação do custo/benefício de ligar-se à organização.

A motivação psicológica atua na premissa de que os indivíduos desejam pertencer a um grupo com uma perspectiva semelhante, ou seja, há uma necessidade de inclusão que contribui também para a dinâmica entre membros dentro da organização, uma vez que se sentem compreendidos pelos colegas, têm a mesma forma de pensar e estão juntos na mesma causa.

A motivação cultural desempenha um papel importante na motivação dos indivíduos em grande parte devido ao sentido de identificação e unidade. Há uma sensação de pertença/união relacionada com a cultura. Neste caso, a religião, como parte da cultura, é o grande acelerador da atividade terrorista.

Ainda assim, é difícil conseguir dizer as motivações exatas das pessoas que cometem atos terroristas, porque cada um, na sua individualidade, vai ter várias motivações e podem ser todas diferentes. A meu ver, haverá uma probabilidade de apenas a motivação cultural/religiosa seja comum a todos no caso das organizações terroristas islamistas.

Uma teoria proposta por Mia Bloom (2011) para entender as motivações das mulheres é a chamada teoria dos 4 R's em que a primeira palavra é *-revenge-* o desejo de vingar a morte de um ente querido; a segunda é *redemption-* consiste na necessidade que a mulher sente em superar um pecado que cometeu; a terceira palavra é *relationship-* engloba a influência que uma pessoa amada ou familiares têm na decisão de integrar estes grupos e, por fim, *respect* – a mulher acredita que pode ganhar respeito na comunidade em que se insere, sendo também uma oportunidade de se afirmar.

No contexto do recrutamento *de Female Foreign Fighters*, são consideradas motivações as sete promessas do Estado Islâmico às mulheres, que consistem no dever religioso – não podem ser verdadeiras muçulmanas se viverem em países ocidentais, que vivem em pecado e devem, por isso, emigrar ; a promessa de que irão contribuir para a construção do Estado – onde poderão ser médicas, enfermeiras, professoras e mães – aqui a importância da maternidade, pois são elas que vão educar a nova geração de combatentes.

Outra das sete promessas é a pertença; a propaganda do Estado Islâmico oferece um “*safe heaven*” para homens e mulheres, independentemente da cor de pele, nacionalidade e etnia; e ainda, a irmandade, aventura; romance; e posição influente (Tarras-Wahlberg, 2017).

2.1.4. AS FUNÇÕES

Conhecedores da matéria alegam que muitas vezes as mulheres são solicitadas a desempenhar papéis em grupos terroristas, assim como nas sociedades em geral: para oferecer apoio emocional e ideológico, muitas vezes a maridos, filhos, pais ou irmãos. Em síntese, são convidadas a ser mães, e muitas vezes é irrelevante que sejam mães terroristas.

Essas funções maternas expandiram-se para fornecer apoio logístico para a organização. As mulheres podem lidar com tarefas administrativas como lavar dinheiro, abrir contas bancárias e divulgar mensagens. A atividade terrorista desenvolvida por mulheres é muitas vezes tratada como consequência de vários acontecimentos maus que sucederam como ter sido explorada, violada ou drogada.

Outros entendem o terrorismo feminino como uma procura de vingança pessoal pela perda de entes queridos, ou ainda a procura pela libertação das mulheres (Sjoberg; Gentry, 2009). Surge a questão de que muito poucos descrevem o terrorismo das mulheres com vínculo na devoção política à causa, apesar de tal devoção ser uma característica predominante nas explicações do porquê dos homens optarem por cometer atos terroristas (Sjoberg; Gentry, 2009).

As insurreições armadas apoiadas pelas mulheres controlam mais território e são mais propensas de alcançar a vitória sobre as forças governamentais, em parte

porque a participação das mulheres demonstra um maior apoio comunitário, aumenta a legitimidade e contribui para a eficácia estratégica (Bigio;Vogelstein, 2019).

Quase 20% dos foreign fighters do Estado Islâmico são mulheres, uma taxa maior do que em qualquer outro grupo jihadistas islâmico.

Uma vez alistadas, as mulheres também são especialmente eficazes como recrutadoras: um estudo sobre grupos online pró-Estado Islâmico descobriu que as recrutadoras tinham uma maior conectividade de rede do que os homens, tornando-as mais eficazes a espalhar a mensagem do Estado Islâmico do que os seus homólogos masculinos, uma constatação importante dado que uns números crescentes de extremistas são radicalizados online. A participação das mulheres também melhorou a taxa de sobrevivência dos grupos online pró-Estado Islâmico, prolongando o tempo antes de as empresas tecnológicas as encerrarem (Bigio;Vogelstein, 2019).

Os membros femininos do ISIS desempenham papéis importantes como propagandistas e recrutadoras, incluindo nas redes sociais. Partilham imagens da sua vida no Iraque ou na Síria através de sites de redes sociais como o Twitter, Facebook e Tumblr, e fornecem dicas sobre como viajar para lá (Saripi, 2015).

Tem havido indícios de algumas mulheres do ISIS que usam as suas contas nas redes sociais do Tumblr para radicalizar e recrutar indivíduos. Três desses membros femininos do ISIS são conhecidos pelos seus nomes de utilizador, '*um Layth*', '*um Ubaydah*' e '*Shams*', que têm usado as suas contas nas redes sociais do Tumblr para interagir com os seus seguidores e responder a várias perguntas de potenciais recrutas. Muitas vezes, os seus seguidores expressam interesse em fazer *hijrah* ('migração') para o Estado Islâmico do ISIS, e colocam questões sobre assuntos que vão da rota mais segura para viajar para a Síria, até às qualidades que um lutador mujahidin procuraria numa futura esposa. Nas suas contas nas redes sociais, uma *Ubaydah* e *Shams* também partilharam a sua experiência pessoal de aprender árabe na Síria, e garantiram aos seus potenciais recrutas que a língua não será um problema para eles (Saripi, 2015).

As mulheres desempenham uma grande variedade de funções auxiliares, como o recrutamento, mas também angariação de fundos e outras formas de apoio material ao extremismo violento, e, que não deixam ser parte integrante do sucesso operacional das organizações terroristas.

Em 2014, uma rede de quinze mulheres nos Estados Unidos foi acusada de transferir milhares de dólares para militantes do *Al-Shabab* na Somália, através de pequenas transações e linguagem codificada para evitar a deteção.

Mulheres palestinas foram presas por serem administradoras de organizações de caridade fraudulentas, que reuniu dinheiro para a *Jihad Islâmica Palestina*.

Na Indonésia, a polícia identificou um padrão de mulheres que se casavam com os *Foreign Fighters* do Estado Islâmico e depois permaneciam no país para angariar fundos.

No Paquistão, esposas de líderes do *Jemaah Islamiyah* serviram como contabilistas do grupo e conseguiram resultados significativos de arrecadação de fundos (Bigio, Volgelstein, 2019).

Para os grupos terroristas, as tarefas de logística passam por contrabando de armas e fundos ou serem mensageiros entre líderes terroristas e suas células operacionais.

Existem várias explicações para o facto das mulheres, na maioria das vezes, desempenharem o papel de logística. Por um lado, parece que os líderes terroristas acreditam que as mulheres são menos suspeitas e menos vulneráveis à inspeção pelas autoridades de segurança. Por exemplo, ao ter mulheres a contrabandear armas, os terroristas pensam que aumentam a probabilidade de que as armas sejam entregues com segurança.

Portanto, não é estranho que líderes tenham mulheres a esconder e a entregar explosivos em carrinhos de bebés (Cragin; Daly, 2009)

Além disso, parece que acreditam que neste tipo de tarefas estão menos expostos ao perigo do que os operativos e, portanto, constitui-se assim um papel mais adequado para as mulheres.

De acordo com Kim Cragin e Sara Daly, grande parte das vezes, as mulheres em tarefas de logística adotam três tarefas básicas em apoio aos objetivos de um grupo terrorista.

A primeira tarefa básica é a de correio, ou seja, têm a responsabilidade de transportar dinheiro e armas entre diferentes membros do grupo, assim como a passagem de mensagens. Segundo os autores, chegam a construir bombas e ajudam a retirar armas de fogo de perto do alvo após um ataque com o objetivo de diminuir a possibilidade de os atiradores serem apanhados com as armas.

Neste contexto, não só fornecem material aos terroristas, como também ajudam a minimizar o risco que os mesmos enfrentam após um ataque.

A segunda tarefa é a de protetoras, um papel considerado relevante pelos autores porque apoiam os movimentos terroristas, ou seja, com protetoras refere-se ao facto de fornecerem casas seguras para indivíduos terroristas enquanto eles tentam fugir às autoridades; visitam detidos na prisão, às vezes entregando mensagens e às vezes simplesmente para manter o ânimo dos terroristas na causa.

A terceira e última tarefa frequentemente adotada por mulheres na parte logística é a de “disfarce”. Por vezes, as mulheres são usadas para distrair e confundir as forças de segurança a meio de um ataque. Exemplos disso são: As mulheres atraírem oficiais de segurança para os terroristas; fazerem a escolta de bombistas suicidas até aos alvos, desviando a atenção porque as forças de segurança os veem como um simples casal e, portanto, são menos ameaçadores.

O uso de mulheres como mensageiros pela *Al-Qaeda* é particularmente intrigante, porque *Ayman al-Zawahiri*, afirmou que as mulheres não deveriam desempenhar esses papéis na luta contra o Ocidente. Até porque, em dezembro de 2007, *al-Zawahiri* ofereceu-se para responder a perguntas de alguns *supporters* em vários sites conhecidos por serem simpáticos à *Al-Qaeda*. As mulheres também fizeram perguntas sobre os seus papéis na campanha da *Al-Qaeda*. *Al-Zawahiri* respondeu que as mulheres não deveriam juntar-se às fileiras dos e que seu melhor papel nesta campanha era apoiar nas dificuldades sentidas pelos seus maridos.

O que claramente não fez sentido com a realidade futura. Pode ter refletido o que era ideal, mas demonstrou que se eles precisarem de mulheres para obter apoio logístico, as vão utilizar.

Segundo Lorena Martini (2019) o primeiro papel desenhado para as mulheres dentro do Estado Islâmico é o de mães e esposas. A mulher deve apoiar e cuidar do marido, ter o maior número de filhos e educá-los de acordo com a ideologia do califado.

Isto implica que estejam predispostas a casar assim que chegassem e que, caso o marido morra voltem a casar assim que possível para continuarem com o seu dever.

De acordo com esta autora, neste contexto elas podem ser consideradas ‘*Agents of State Building*’ o que contribui para os esforços de expansão do *Daesh* (Martini,2019)

2.1.5. A BRIGADA AL-KHANSAA

Khansaa é uma famosa personalidade da história Islâmica, uma poetisa que abraçou o Islão e acabou por perder quatro filhos em batalha. Quando Khansaa recebeu a notícia, disse: *“Thanks to God who honored me with their martyrdom”* (How Islamic state uses women to control women, 2015)

A Brigada *Al-Khansaa*, foi um corpo policial de mulheres criado pelo Estado Islâmico e, inspirado na personalidade acima descrita, para patrulhar as ruas de Raqqa e fazer o controlo de todas as outras mulheres, ou seja, ver se cumpriam com as normas do califado ou não, no que concerne ao vestuário, mas também ter a certeza de que, por exemplo, não andam na rua sem os maridos. As mulheres que não respeitassem as normas eram severamente punidas.

Segundo o artigo *How Islamic State uses women to control women* para a *Syria Direct* cerca de 75% das mulheres que pertencem a esta brigada são mulheres estrangeiras que fugiram para a Síria para integrar o Estado Islâmico. Grande parte delas são oriundas de países ocidentais como o Reino Unido e a Alemanha (2015).

Além de controlarem os costumes, têm um grande papel no recrutamento de outras mulheres ocidentais assim como *Foreign Fighters* e até mesmo de arranjar casamentos entre as mulheres que recrutam e os combatentes, o facto de falarem inglês e de elas próprias se terem convertido e integrado a organização faz com que sejam muito eficientes no recrutamento de outras mulheres, passando a ideia de que integrar o califado é algo vantajoso para estas mulheres.

Esta brigada foi criada em 2014 e é um exemplo de *woman-on-woman violence*. Um exemplo das práticas exercidas contra as mulheres é o mecanismo *“biter”* que é uma espécie de armadilha para animais.

Foi documentado um caso de uma mulher que estava a amamentar o filho numa paragem de autocarros, quando a brigada a viu, deu-lhe a opção de escolher entre chicoteamento ou o *‘biter’*, como a mulher não sabia do que se tratava escolheu, achando que o chicoteamento ia ser mais doloroso. O que aconteceu foi espetarem-lhe a armadilha na parte do corpo que estava exposto e os dentes do mordedor criaram feridas profundas, tendo sido levada para o hospital.

A Brigada Al-Khansaa controlava também bordéis de mulheres yazidis, além disso estas mulheres atuavam fora do califado e, por exemplo, quando uma célula radical operava em duas cidades francesas foi apanhada, uma mulher, Fátima el

Kahyari, que foi condenada à prisão por remeter dinheiro a jihadistas na Síria (Pinto, 2018).

2.2. A CONDIÇÃO FEMININA COMO ESTRATÉGIA DAS ORGANIZAÇÕES TERRORISTAS

Nos últimos anos, tem havido um maior reconhecimento da interação entre questões de igualdade de género e extremismo violento, e de paz e segurança (UNW, 2018).

Relativamente à estratégia do Estado Islâmico, ela demonstra a forma como o grupo valoriza as formas tradicionais de masculinidade, privilegiando os direitos dos homens sobre os das mulheres e impondo inexoravelmente limitações ao papel das mulheres na sociedade, incluindo a regulamentação da sua conduta em casa. Simultaneamente, o EI procura apresentar uma narrativa construtiva que fale com as mulheres sobre questões que provocam um sentido de empoderamento, como destacar as oportunidades educativas disponíveis para as mulheres nas áreas controladas pelo EI (UNW,2018).

Ao longo do texto foi possível compreender, através do conhecimento e relato de vários autores que as mulheres são utilizadas sobretudo pela sua invisibilidade e vulnerabilidade.

O facto de as considerarem invisíveis e menos prováveis de cometerem atos de violência traz uma vantagem às organizações terroristas. Passam a desafiar as autoridades utilizando mulheres e a alcançar os seus objetivos através do fator surpresa que as mulheres geram neste tipo de situações. Fator surpresa porque as forças de segurança não estão tão preparadas para mulheres terroristas, acreditando que, e, tendo em conta toda a inferioridade da mulher no contexto do extremismo islâmico, os atos terroristas são deixados para os homens, mas também porque causam sensação nos media, dando uma dimensão muito maior ao ataque e dessa forma, espalhando a mensagem do grupo.

2.2.1. A IMPORTÂNCIA DA PERSPETIVA DE GÉNERO

As mulheres estão bem posicionadas para reconhecer sinais precoces de radicalização, porque os ataques aos seus direitos e integridade física são muitas vezes a primeira indicação de um aumento do fundamentalismo. As mulheres são substancialmente mais propensas do que os homens a serem vítimas do extremismo, através do assédio em espaços públicos, da segregação forçada, das normas de vestuário, dos ataques à escolaridade das raparigas e de outras violações dos seus direitos.

Os papéis centrais das mulheres em muitas famílias e comunidades também lhes conferem um ponto de vista único para reconhecer padrões incomuns de comportamento e prever conflitos.

No Afeganistão, as mulheres observaram que os jovens estavam a ser recrutados em casamentos; depois das suas preocupações não terem sido atendidas, estes recrutados mataram 32 civis num autocarro.

Na Líbia, as mulheres locais alertaram para o crescente radicalismo depois de observarem um aumento do fluxo de recrutadas femininas ocidentais, identificado a existência de um mercado crescente para as esposas à medida que o Estado Islâmico expandia. Também relataram ataques crescentes aos seus próprios direitos, incluindo assédio por conduzir sem um guardião masculino.

Tal como no Afeganistão, estes avisos foram ignorados, proporcionando aos líderes do Estado Islâmico mais tempo para estabelecerem uma sede antes que os esforços de contraterrorismo aumentassem (Bigio;Volgestein, 2019).

Os esforços tradicionais dos governos e organizações não-governamentais para combater a radicalização concentram-se tipicamente na divulgação a líderes políticos e religiosos predominantemente masculinos.

Ainda assim, o papel relevante que muitas mulheres desempenham nas famílias e comunidades torna-as especialmente úteis na diminuição da capacidade de recrutamento e mobilização de grupos extremistas (Bigio;Volgestein, 2019).

As mulheres estão bem posicionadas para desafiar narrativas extremistas em lares, escolas e ambientes sociais. As mulheres têm uma influência particular entre as populações juvenis, um alvo frequente dos extremistas. Em sociedades

mais conservadoras — onde a comunicação com as mulheres se limita a outras mulheres ou aos seus parentes masculinos — as mulheres têm acesso único para intervir com mulheres e raparigas em risco de radicalização.

Os esforços em pequena escala para envolver as mulheres mostram-se promissores. Um programa em Marrocos coloca mulheres académicas religiosas em todo o país para combater interpretações radicais do Islão — eles eram mais capazes de alcançar membros da comunidade do que os seus homólogos masculinos devido aos laços sociais e capacidade de construir a confiança.

Na Nigéria, um grupo inter-religioso de mulheres muçulmanas e cristãs reuniu-se na sequência de um ataque extremista e apoiou com sucesso os esforços de policiamento comunitário em regiões com elevados níveis de violência.

Um programa indonésio forneceu às esposas dos jihadistas encarcerados apoio psicológico e económico, o que os ajudou a reabilitar e reintegrar combatentes anteriormente violentos na sua comunidade, quebrando o ciclo de extremismo.

Apesar do importante papel que as mulheres podem desempenhar como mitigadoras do terror, os grupos de mulheres raramente são considerados parceiros relevantes nos esforços de contraterrorismo, e o seu trabalho continua cronicamente subfinanciado.

Segundo José Filipe Pinto, as autoridades falharam na prevenção do terrorismo feminino, porque equivocaram-se em relação à imagem das mulheres, vendo-as apenas como mães e esposas (2018).

Para o autor, é necessário fazer uso da imagem da mulher para os objetivos corretos, ou seja, pela paz e direcioná-las para o controlo do terrorismo, investido na participação feminina como agente contraterrorista, dado que alguns estudos comprovam que as mulheres podem ter um papel significativo nesse sentido e que mesmo as mulheres muçulmanas têm uma mentalidade mais aberta que os homens, ou seja, são menos conservadoras.

É certo que os vários processos políticos de negociação de paz foram mediados sobretudo pelo sexo masculino, e que só na década de 90 com a entrada de mulheres nas Nações Unidas é que afirmou a necessidade de uma resolução que enfatizasse as mulheres como parte da prevenção de conflitos e negociação da paz. É na resolução 1325 da ONU que é sublinhado o facto de as mulheres serem determinantes no processo de construção de paz (Malheiro, 2020).

O estabelecimento da ONU Mulheres em 2010 para promover a igualdade de gênero e o empoderamento, providenciaram uma importante plataforma multilateral para fazer sobressair questões relevantes relacionadas com conflitos armados e insegurança, assim como o seu efeito nas mulheres.

Os papéis da mulher quer relacionados com terrorismo e contraterrorismo, no entanto, continuaram pouco explorados.

Segundo o Global Terrorism Index de 2022, um caso de sucesso é o de Marrocos que introduziu mulheres na prevenção de violência que conduz ao terrorismo, e é ao momento vista como a melhor prática no mundo árabe pelos resultados alcançados.

É necessário que todos aqueles envolvidos na prevenção do terrorismo e que trabalham com o extremismo violento entendam o papel que a mulher pode ter quer na prevenção como na perpetuação do terrorismo (Fink; Barakat; Shetret, 2013).

Na prevenção têm uma forte capacidade de informar, moldar e implementar políticas e programas para mitigar os efeitos do conflito e da radicalização. Dentro das famílias, conseguem infiltrar-se através dos seus papéis tradicionais e moldar os costumes e normas familiares e promover uma maior tolerância.

3. METODOLOGIA

A conceção deste capítulo tem como propósito a apresentação da metodologia utilizada no âmbito da investigação. Segundo Espírito Santo (2013, p. 31), quando se desenvolve um trabalho científico “é recomendável descrever-se a metodologia utilizada em sede de investigação, uma vez que é através dela que os leitores atestam a credibilidade dos resultados, aferida pela fidelidade e validade das técnicas e dos procedimentos utilizados”.

O método é o caminho percorrido e os passos dados para se atingir um determinado objetivo, enquanto a técnica é a parte respeitante aos instrumentos de recolha de tratamento e de análise de dados, que conferem operacionalidade ao método (Carvalho, 2009, p. 83). A escolha deste tema deve-se à convicção de que é importante analisar os contributos da mulher nas organizações terroristas islamistas, para que se adquira um maior conhecimento das questões inerentes e para que seja possível contribuir de alguma forma para as agências de segurança na luta contra o terrorismo.

Procurando um fio condutor para a investigação, entendeu-se ser oportuno elaborar a seguinte questão de partida: **Quais os principais contributos da mulher no terrorismo?**

Determinado o objetivo geral e definida a pergunta de partida, foi fundamental proceder à formulação de questões orientadores, de forma não só a responder ao objetivo final, mas também para clarificar os aspetos pertinentes do conhecimento.

Perguntas Derivadas:

- PD1 O que é o terrorismo religioso islamista?
- PD2 Em que casos é a mulher vítima das organizações terroristas?
- PD3 Quais as motivações da mulher para a integração em grupos terroristas?
- PD4 É vantajoso para as organizações terroristas recrutar mulheres?
- PD5 Qual o impacto do problema em estudo nos esforços de combate ao terrorismo?
- PD6 É necessário dar importância ao género no âmbito das estratégias de contraterrorismo?

3.1. NATUREZA DA INVESTIGAÇÃO

Avaliando a pergunta de partida, as perguntas derivadas, às quais se pretende responder na conclusão, a investigação desenvolvida adotou o método qualitativo.

A estratégia de investigação qualitativa tem como objetivo a compreensão da realidade social, das pessoas, grupos, culturas, valores e crenças, pretendendo-se através da exploração destas questões, alcançar uma interpretação da realidade social e alcançar uma compreensão mais profunda e subjetiva do objeto de estudo.

O desenho de pesquisa do estudo é transversal, uma vez que os estudos transversais são utilizados para estudar uma variação em relação a indivíduos, famílias, organizações, países. Neste caso concreto procura-se estudar a utilização de mulheres em três organizações terroristas diferentes. Segundo Byman (2012), os estudos transversais pressupõem a recolha de dados de mais de um caso, num determinado período de tempo, de forma a reunir dados quantitativos ou qualitativos, com uma ou mais variáveis, que após a sua análise permitem determinar padrões de associação.

3.2. PARTICIPANTES

Os participantes foram selecionados tendo em consideração o conhecimento e a experiência profissional face à problemática em estudo, acreditando que as suas opiniões/posições são válidas e credíveis devido ao nível de conhecimento que apresentam sobre o fenómeno do terrorismo e a realidade dentro das organizações terroristas de matriz islâmica. O pedido de entrevista foi dirigido a sete pessoas, sendo que apenas cinco aceitaram participar na investigação.

3.3. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

As entrevistas envolvem questões não estruturadas e em geral abertas, que são em pequeno número e destinam-se a suscitar conceções e opiniões dos participantes (Creswell, 2010). Pelo contrário, o questionário é composto por questões fechadas, onde o inquirido escolhe uma alternativa dentro das que lhe são apresentadas.

Optou-se pela entrevista exatamente pelo facto de oferecer mais vantagens e, de certa forma, trazer mais facilidade em obter informações extra. Isto é, dá oportunidade ao entrevistador de esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se aos entrevistados e às circunstâncias nas quais a mesma se desenvolve, e dá oportunidade ao entrevistado de responder abertamente e adicionar informações adicionais, ou referir aspetos que não tinham sido ainda pensados pelo entrevistador e abrir caminho para mais discussão e análise de questões importantes.

Pode afirmar-se que as entrevistas se dividem em: entrevistas estruturadas que são aquelas que pré-determinam as respostas a serem obtidas, e as semiestruturadas que são desenvolvidas de forma mais espontânea (GIL, 2008).

3.4 PROCEDIMENTO

Posteriormente à aprovação do projeto de investigação, teve-se em atenção o cronograma de atividades.

Com o objetivo de fazer o enquadramento teórico, concluiu-se o processo de revisão da literatura e de recolha de informação documental.

Para a utilização da técnica de entrevista estruturada, foi criada uma carta de apresentação do tema da investigação e enviada aos possíveis entrevistados, acompanhada de um guião composto pelas perguntas derivadas acima descritas que foi validado anteriormente. O envio da carta de apresentação e do guião constitui-se como o pedido formal de entrevista. Para obter as mesmas era dada a opção aos entrevistados de fazê-la *face to face*, por videochamada via *Zoom* ou *Teams*, ou resposta via email, sendo que foram estas as formas utilizadas na concretização das entrevistas e estão mencionadas no apêndice C. Após a confirmação ao pedido de entrevista pelos entrevistados, fez-se o agendamento das mesmas.

Durante a entrevista, tentou-se criar um clima de confiança, onde, primeiramente, se pediu autorização para fazer gravação. Posteriormente à concretização, cada entrevista foi transcrita e enviada para o entrevistado para consentir a utilização do seu contributo nesta investigação.

- Na primeira etapa, procedeu-se à transcrição das entrevistas realizadas procurando que a transcrição fosse o mais fiel ao que foi transmitido pelo entrevistado.

- Após a transcrição das entrevistas, passou-se à segunda etapa, a leitura das entrevistas já devidamente impressas para que fosse possível sublinhar algumas das frases do texto utilizando cores diferentes e registrar na margem do papel uma pequena síntese do que foi dito.
- Na terceira etapa foram construídas sinopses das entrevistas em formato grelha, que são resumos do discurso e que contêm a mensagem principal da entrevista.

4. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os resultados da recolha e tratamento de dados, com o intuito de responder aos objetivos estabelecidos. Isto é, o resultado obtido das respostas dos entrevistados às questões formuladas no início do trabalho e que compuseram o guião de entrevista.

O guião da entrevista, como dito anteriormente, foi composto por seis questões e serviu para guiar a investigação de forma a garantir que não se dava qualquer desvio do foco e objetivo da investigação. Transcritas e lidas todas as respostas criaram-se tabelas com os fatores que mais sobressaíam na resposta dos entrevistados a cada pergunta.

As análises das questões servirão para compreender quais são os contributos da mulher no terrorismo, mais especificamente, nas organizações terroristas islamistas.

As questões serão de agora em diante referidas de Q1 a Q6 e análise terá por base o apêndice D.

4.1. OS OBJETIVOS DAS ORGANIZAÇÕES TERRORISTAS ISLAMISTAS

Os dados que contam na tabela 1 relativos à Q1 (Quais são os principais objetivos das organizações terroristas islamistas?), indicam que os entrevistados referem alguns objetivos diferentes, mas que se complementam muito, podendo dizer-se que todos os objetivos mencionados estão relacionados com a obtenção de poder.

O poder sobre uma sociedade, o poder contra o ocidente, o poder nos territórios ocupados, o poder sob a sua própria religião, o poder da violência. A vontade de mudar o status quo de um país e das vivências em comunidade; Para Luís Elias, o objetivo do terrorismo islâmico é alterar pela força e pela violência o modelo de sociedade nas sociedades ocidentais.

Exemplos dessa ambição e do uso da força e violência contra as sociedades ocidentais, são os ataques descritos pela entrevistada da Polícia Nacional Espanhola que refere: **“Em Espanha, o primeiro ataque teve lugar em 1985 no restaurante *El Descanso*. Posteriormente, células jihadistas ligadas à Al Qaeda causaram o**

maior ataque terrorista na história de Espanha: O ataque de 11 de Março de 2004 em Madrid que matou 193 pessoas e feriu outras centenas.” Relembrando que a presença jihadista ainda está presente em Espanha e em tantos outros países.

Relativamente à ambição de vingar e inserir o medo nas populações através da violência; atacar os infiéis, Luís Castro diz: **“Os objetivos são sempre o poder. O poder de influenciar, poder de mandar, o poder de excluir (...) O poder sobre uma sociedade, sobre uma nação, o poder sobre alguém.”**

Ainda segundo a entrevistada da Polícia Nacional Espanhola **“O objetivo é estabelecer um califado sob a interpretação ortodoxa da Sharia, em que Deus é o único legislador”**.

Nélson Cruz diz que os objetivos são sobretudo políticos e refere também essa vontade de recuperar o antigo califado.

Luís Castro faz ainda uma interpretação das três religiões monoteístas, dizendo: **“Se pensarmos nos cristãos, judeus e muçulmanos, eles só têm um Deus, mas são três Deuses diferentes. Enquanto o Deus judeu julga, o Deus muçulmano pune e o Deus Cristão perdoa.”** Obviamente que esta interpretação não significa que todos os muçulmanos têm um sentido de punição e vingança, e que os cristãos são todos bons e misericordiosos, mas como atenta Luís Castro quando se parte desta base, facilmente se chega ao extremismo.

Para Pedro Prata, os objetivos foram alterando, referindo que os objetivos da Al-Qaeda quando aconteceram os primeiros ataques, eram fundamentalmente punitivos, queriam atacar / massacrar. Após o 11 de Setembro, o discurso evoluiu para a ambição de construir um califado, dominar outros territórios, impondo a perspectiva que têm da lei islâmica.

Posto isto, há claramente uma necessidade de passar uma mensagem de força ao impor esta ideologia extremista, que de acordo com Adélio Neiva da Cruz esta imposição é feita com recurso à violência, mas que **“depende de fatores conjunturais, tais como, a localização geográfica, a tipologia do sistema governativo, historial de ligações étnicas, possibilidade de exploração de vulnerabilidades, capacidades humanas, financeiras, militares e técnicas, entre outros.”**

Em suma, os objetivos são variados e resumem-se na tabela seguinte, ficando claro que todos eles são objetivos políticos.

Objetivos	Nº Entrevistados
Poder sobre Sociedade/Nação/Território	2
Atacar/ Enfraquecer o Ocidente	3
Alterar o status quo	1
Impor ideologia extremista	2
Estabelecer/Recuperar Califado	3
Rejeitar a democracia	2

Tabela 1 – Principais objetivos das Organizações Terroristas Islamistas

Fonte: Ilustração própria

4.2. CASOS EM QUE A MULHER É VÍTIMAS DAS ORGANIZAÇÕES TERRORISTAS ISLAMISTAS

Relativamente à Q2 (Em que casos é a mulher vítima das organizações terroristas?), os entrevistados mencionam os casos em que são exploradas sexualmente, raptadas, escravizadas, ou seja, os casos em que a violência é exercida diretamente contra elas, mas não só.

De acordo com alguns entrevistados, as mulheres são vítimas da interpretação extremista do Corão, por serem servidoras do homem, por não poderem usar maquiagem ou tirar a burca; por não terem direitos básicos garantidos como o acesso à educação e ainda, pelo contexto social em que se inserem.

Segundo Pedro Prata, na resposta a esta questão, a mulher é sempre vítima, mas de diversas formas e a diferentes níveis, porque é obrigada a viver em certas circunstâncias: **“Pode ser porque está no sítio errado à hora errada ou porque o seu comportamento não se coaduna com o que os terroristas acham correto e também, porque a imposição dessa perspetiva do Islão naqueles territórios, acaba por tornar, especialmente, a mulher vítima.”**

De acordo com Luís Elias, a mulher é vítima destas organizações também pela interpretação literal do Corão que minoriza a mulher face ao homem e isso prejudica **“a livre fruição de direitos, liberdades e garantias por parte destas”**.

No mesmo seguimento, Luís Castro refere que para estas organizações a mulher não é um ser igual, é propriedade, fazendo referência ao Boko Haram que rapta muitas mulheres, muitas delas em alguns casos são instrumentalizadas para se tornarem terroristas, porque as engravidam e porque exercem sobre elas chantagem e acabam por não ter opção.

Menciona também o exemplo das mulheres no Afeganistão: **“Uma mulher no Afeganistão que fique viúva, segundo os costumes tribais pashtun, vai para a mendicância. Não tem direito a terras, não tem direito a dinheiro, e então como tal, o que resta à mulher?”**

Em oposição, a agente da Polícia Nacional Espanhola, responde que as mulheres são tão vulneráveis à ideologia jihadista quanto os homens, não havendo diferenças no

que referimos de “vítimas”. A suportar esta afirmação, Néelson Cruz diz que não crê que sejam mais vítimas.

Por fim, importa referir a análise do Dr. Adélio Neiva da Cruz na resposta a esta questão, que fala em dois patamares distintos.

Segundo o mesmo, é relevante mencionar os casos em que as mulheres são vítimas diretas de ação violenta exercida pelas organizações terroristas- as vítimas de ataques terroristas e de exploração sexual, dando o exemplo das mulheres yazidi. E no outro patamar salienta que a atual conjuntura em que a mulher desempenha um papel ativo na prossecução da jihad tornou a sua condição de vítima duvidosa.

Tabela 2 – Casos em que a mulher é vítima das O.T

Fonte: Ilustração própria

Casos em que são consideradas vítimas	Nº Entrevistados
Rapto, Exploração Sexual, Escravidão	2
Casos em que são chantageadas/forçadas	1
Submissão/Propriedade dos Homenas	1
Falha no acesso a Direitos Humanos	3
Não são vítimas	2

4.3. AS MOTIVAÇÕES PARA A INTEGRAÇÃO EM GRUPOS TERRORISTAS

Na resposta à Q3 (Quais as motivações para a integração em organizações terroristas) os entrevistados referem questões de vertente emocional como vingança, sentimento de perda, falta de esperança, vontade de casar e constituir família, pressão familiar; procura de aventura e emoção; por pertença. E ainda, motivações de ordem mais racional como quererem ajudar as organizações a combater os infiéis, ou seja, uma questão de partilha de ideologia, mas não só. Algumas das motivações elencadas são económicas, e advém da vontade de ‘crescer’ nas organizações terroristas.

Adélio Neiva da Cruz alude: **“A motivação para a adesão a grupos terroristas islamistas por parte das mulheres costuma ser mais variada que as dos homens. Para além da questão ideológica, da procura de aventura/emoção, da pressão familiar ou de pares, exista historicamente uma vertente sentimental no recrutamento de mulheres para casamento com membros de organização terroristas e como resposta à perda de familiares próximos”**.

No seguimento da perda a familiares próximos, Luís Castro vai ao encontro e refere as Viúvas Negras na Chechénia dizendo: **“Porque é que elas lutavam? Porque lhes matam os filhos, matam os maridos, ou porque lhes matam a esperança. A mulher tem um maior sentido de perda relativamente aos filhos, porque o gerou, carregou, criou.”**

Pedro Prata refere também esta questão de perda **“Quando a motivação é genuína é por um sentimento de vingança ou porque mataram o marido ou porque os filhos morreram, ou porque de facto não se enquadram com o poder dominante do sítio onde estão e vêem aí um motivo para aderir”**. Contudo, para este entrevistado, a maioria das vezes a integração acontece por pressão social e por não terem alternativas, não por haver um doutrinamento ideológico religioso.

Sobre as motivações económicas, Néilson Cruz, especialista em crimes financeiros e branqueamento de capitais, refere o facto de terem detetado que algumas mulheres são convidadas a integrar grupos terroristas na área de financiamento do terrorismo e acabam envolvidas em atividades de branqueamento de

capitais. Estas mulheres segundo o mesmo **“Não estavam muito interessadas na ideologia ou nas causas, mas faziam-no por motivos económicos”**.

Consoante a entrevistada da Polícia Nacional Espanhola, este é um campo muito complicado dado que as motivações que fazem com que uma pessoa se radicalize são muito diferentes e é difícil fazer um perfil específico para um jihadista, expondo o facto de o Estado Islâmico ter criado as condições ideais para que as mulheres se sentissem completamente parte do projeto e a motivação delas revelou-se extraordinária.

Dizendo ainda **“A minha experiência na luta contra o terrorismo aqui em Espanha diz-me que, uma vez que as mulheres ocidentais são radicalizadas, a conversão é muito mais extrema do que a mulheres que são de famílias muçulmanas. Isto acontece como “compensação” - o desejo de concretizar o seu dever para com a sua nova religião ao máximo - sem entenderem que a ideologia que estão a assumir é completamente distorcida”**.

Motivações	Nº de entrevistados
Sentido de perda / Vingança	2
Pressão familiar ou de pares	2
Maior protagonismo e funções operacionais	2
Motivos ideológicos	3
Falta de oportunidades /Contexto social	2

Tabela 3 – Motivações para a integração em grupos terroristas

Fonte: Ilustração própria

4.4. AS VANTAGENS DO RECRUTAMENTO DE MULHERES

Na resposta à Q4 (É vantajoso para as organizações terroristas recrutar mulheres?) apenas um entrevistado referiu não existirem vantagens no recrutamento de mulheres, os restantes afirmaram todos que sim.

As vantagens referidas resumem-se no facto das mulheres não serem alvo de tanta vigilância; serem mais facilmente manipuladas; poderem ativar o sentimento de perda para as radicalizarem; serem mais cruéis ou frias que os homens.

Segundo Luís Castro: **“Existem vantagens porque se exerce mais vigilância sobre os homens, e até porque existe esta fragilidade da mulher em que ela pode ser mais facilmente manipulada a integrar este tipo de iniciativas, ou seja, têm poder sobre elas porque podem ativar o sentimento de perda do marido, do filho, ou da casa, havendo casos em que as mulheres até acabam por ser mais cruéis que os homens. Na forma como lutam e na forma como executam atentados.”**

Existem igualmente vantagens a nível operacional e de inteligência, no planeamento, preparação e execução de ações violenta e pelo facto de terem mais sucesso no recrutamento de outras mulheres. Nos negócios de branqueamento de capitais, estes são conseguidos essencialmente por mulheres, assim como todo o planeamento prévio. Vantagem por serem também um suporte emocional para os combatentes.

Pedro Prata assinala: **“Em back office, as mulheres oferecem suporte emocional, afetivo e operacional (...) A mulher tem cada vez mais um papel quer operacional, quer de suporte logístico, ao levar informação, alimentos, explosivos, quer mesmo na retaguarda em questões organizativas.”**

Nélson Cruz, na sua resposta, explica que são as mulheres que estão associadas muitas vezes aos negócios de financiamento do terrorismo, como restaurantes, cabeleireiros, em que os proveitos desses negócios são obtidos por mulheres, que de uma maneira consciente ajudam a dar cobertura a esses abrigos/locais onde os terroristas atuam. Dando o exemplo de residências familiares em que as pessoas que entram e saem são maioritariamente mulheres que por isso não despertam tanta atenção da população local, funcionando como uma espécie de escudo.

A entrevistada da PNE refere que houve uma mudança no que era tendência e que o envolvimento das mulheres em tarefas operacionais foi muito positivo para o

Daesh e em algumas situações ainda mais bem-sucedidas do que aquelas desempenhas por homens, especialmente no recrutamento de mulheres.

Adélio Neiva da Cruz, dá-nos ainda outro exemplo: **“Como se verificou na região sírio-iraquiana com o autoproclamado Estado Islâmico, houve mulheres que foram distribuídas em funções médicas, logísticas, de policiamento dos comportamento e costumes de outras mulheres. E, embora para efeitos de execução deste tipo de ações as mulheres, sejam menos utilizadas, devemos referir que, em 2014, a organização terrorista Estado Islâmico chegou a estabelecer o seu primeiro batalhão de mulheres, intitulado “Al-Khansaa Brigade”, que teve aproximadamente cerca de mil combatentes nas suas fileiras e que terão participado em mais de duzentas operações terroristas.”**

Vantagens	Nº de Entrevistados
Operacionais e de Inteligência	5
Apoio emocional e afetivo	2
Recrutamento eficaz	4
Maior frieza	2
São menos vigiadas	2

Tabela 4 – Vantagens do recrutamento de mulheres

Fonte: Ilustração própria

Através da tabela é possível verificar que a maioria dos entrevistados que afirmaram haver vantagens no recrutamento de mulheres, revelaram vantagens relacionadas com atividades administrativas, operacionais, de logística e inteligência.

A eficácia das mulheres no recrutamento de outras mulheres foi também das vantagens mais mencionadas pelos entrevistados.

4.5. OS PRINCIPAIS CONTRIBUTOS DA MULHER NO TERRORISMO

No que diz respeito à Q5 (Quais são os principais contributos da mulher no terrorismo?), os entrevistados referem que os contributos são em termos de logística e no facilitismo em cometer atentados por serem alvo de menos vigilância, como descrito no subcapítulo anterior.

Todo o suporte que dão quer como combatentes, bombistas suicidas, agentes de informações; importante referir o contributo da maternidade, ou seja, criam os filhos para servir a causa terrorista (fornecendo recursos); o facto de serem muitas vezes professoras, ensinando a ideologia dentro da organização; o apoio que dão enquanto médicas/enfermeiras.

Adélio Neiva da Cruz, responde o seguinte: **“Um dos principais contributos da mulher no terrorismo assenta na legitimação da ideia de que a ideologia de uma determinada organização terrorista, para além da violência que advoga, abrange a sociedade como um todo, independentemente do género (...)”** referindo ainda, o apoio aos maridos e questão da procriação e educação das crianças.

O facto destas mulheres darem vida à nova geração de jihadistas é, para a entrevistada da PNE, vital para qualquer organização que tenciona controlar um território e desenvolver um governo porque precisam de população e de soldados. Na sua resposta refere um artigo do Daesh que dizia *“We will conquer you through the wombs of our women”*. E remata que não nos devemos esquecer que os objetivos nas organizações terroristas não são medidos em anos, mas em décadas e em gerações. Assume também que como contributos é possível identificar o papel relevante da mulher no processo de recrutamento e radicalização e na disseminação de propaganda e atividades financeiras.

No que concerne a contributos a nível da saúde e da educação, Pedro Prata explica que se formos ao contexto do Estado Islâmico, dada a dimensão que o grupo atingiu, a mulher não podia deixar de ter um papel em toda a dinâmica de existência do EI, porque eles constituíram uma entidade quase estatal e por isso, elas tinham tarefas a nível da saúde e da educação.

Contributos	Nº Entrevistados
Maternidade	4
Funções estratégicas e operacionais	4
Saúde/Educação	2
Recrutamento/Radicalização	2

Tabela 5 – Principais contributos da mulher no terrorismo

Fonte: Ilustração própria

4.6. O IMPACTO DO PROBLEMA EM ESTUDO NOS ESFORÇOS DE COMBATE AO TERRORISMO

À questão nº6 (Qual o impacto do problema em estudo nos esforços de combate ao terrorismo?), Luís Castro responde: **“Terá impacto porque é perceber o que é que faz com que estas mulheres contribuam para uma organização terrorista”,** assegurando que **“Deve empoderar-se as mulheres e dar-lhes mais condições para que as próprias não municiem estas organizações com os seus filhos.”**

No seguimento desta ideia, Luís Elias na sua resposta mencionou também o facto de que estas mulheres ao serem responsáveis pela educação dos filhos, no contexto da jihad são autoras e coautoras de ações de radicalização de crianças e jovens e de outras mulheres. Um aspeto que, para o mesmo, deve ser tido em conta pelas forças policiais e pelos serviços de informações, **“porque as mulheres ao assumirem um papel mais proativo, obtêm resultados mais tangíveis e uma maior capilaridade da mensagem radicalizante, uma capacidade de infiltração no tecido social, na minha perspetiva, ainda maior que o homem, principalmente nestas sociedades ais tradicionais, o que se constitui como um fator de risco adicional”.**

Este risco adicional, parece tornar-se claro quando nos referimos ao Estado Islâmico, que segundo Adélio Neiva da Cruz: **“ No que diz respeito a uma possível autonomização do foco sobre as mulheres, podemos afirmar que, o Estado Islâmico trouxe uma revisão do papel das mulheres visto que, por uma questão de recursos, chegou a incluir as mulheres como legítimas participantes em confrontos armados, criou um corpo de fiscalização de vícios e costumes composto por mulheres (e que visava mulheres) e recorreu a inúmeros produtos de propaganda criados por mulheres para recrutar /influenciar homens e mulheres no apoio à organização”.**

Por estes motivos, afirma ser necessária uma visão específica por género por parte das autoridades, no acompanhamento destas mulheres.

Pedro Prata concorda, ao referir que quando falamos da matriz islâmica, as questões de género são sem dúvida preponderantes, ao contrário da mulher em contexto de organizações de extrema-direita ou esquerda.

Nélson Cruz acredita que para conseguirmos atenuar o terrorismo precisamos de atenuar os seus fundamentos e compreendermos as razões intrínsecas, mas também as diferenças e particularidades para que seja mais fácil ter uma resposta adequada para dissuadir as mulheres de pertencer a estas organizações.

Em resposta à questão é mencionado pela entrevistada da PNE, que o facto de as mulheres integrarem as organizações significa que há um aumento populacional a nível das atividades operacionais, o que multiplica o número de potenciais alvos para investigação e o que isso significa em termos de recursos.

4.7. A IMPORTÂNCIA DO GÉNERO NAS ESTRATÉGIAS DE CONTRATERRORISMO

Em relação à questão 7 (É necessário dar importância ao género no âmbito das estratégias de contraterrorismo?) os entrevistados afirmaram todos ser necessário dar importância ao género, no sentido de prevenção, ou seja, deve empoderar-se as mulheres e dar-lhes mais condições para que, segundo Luís Castro, estas não municiem os próprios filhos.

Além disso, devem fazer-se campanhas de esclarecimento para saberem o tipo de vida que vão levar, como alertar para o facto de irem ser escravas dos maridos e das lides domésticas tentando desencorajar.

Outro ponto referido pelos entrevistados é sensibilizar para os riscos que correm ao terem acesso a conteúdo online de recrutamento e deve-se por isso contactar com as comunidades locais e líderes religiosos para que se faça esse alerta e prevenção.

Ainda, fazer o processo de acompanhamento de mulheres associados ao Estado Islâmico, muitas delas com menores a cargo, que regressem à Europa. Ou seja, aqui não falamos de prevenção, mas de acompanhamento pós radicalização e na necessidade de existirem programas que abordem a questão feminina dentro das organizações islamistas.

Mas tão importante ainda é, a meu ver, o que refere Pedro Prata, que diz que nas estratégias é preciso ter em atenção a diferenciação entre vitimização e autoria, e que se as mulheres têm um papel importante e diferente, então essas situações têm de ser tidas em conta.

5. CONCLUSÕES

O meu interesse nesta abordagem surge pela necessidade de averiguar a possível participação ativa da mulher em organizações terroristas islâmicas.

Apesar de se tratar de um tema arriscado dado à inexistência de muitos estudos aprofundados, quando iniciei a investigação surgiam alguns fatores que indicavam que isso acontecia e que era um fenómeno em crescimento.

Este não é um assunto recente, mas é um assunto pouco discutido, talvez por ser arriscado dizer que uma mulher no meio islâmico não é vítima, mas antes terrorista.

Esse risco vem da certeza de que existem muitas mulheres vítimas no mundo islâmico. Ainda assim, acredito que consideramos a maioria das mulheres vítima porque comparamo-las a nós ocidentais e sentimos que são desprezadas, inferiorizadas e reféns dos homens.

Esquecemo-nos que algumas acreditam que o seu papel na sociedade deve ser secundário, porque lhes é ensinado desde sempre. E por que razão é que elas teriam de olhar para nós e acreditar que o modelo de sociedade em que vivem é que está incorreto? Para algumas mulheres pode ser normal, ao mesmo tempo que para outras há muitos direitos que ainda pretendem alcançar.

Focamo-nos no panorama ingrato de ser mulher no mundo islâmico e isso origina uma dificuldade acrescida em acusar uma mulher que esteja integrada numa sociedade extremista, e, desta forma, torna-se penoso considerar que uma mulher possa ser feliz nesse contexto e defender a ideologia que para nós a destrata.

O propósito desta investigação não consiste em acusar as mulheres, antes pelo contrário. Esta investigação surgiu com o intento de analisar o género feminino observando os dois lados da moeda: A mulher enquanto vítima e a mulher enquanto terrorista.

Não me considero injusta ao investigar as possibilidades de uma mulher ser terrorista e ter de ser considerada e julgada como tal. Apesar dos crimes que são cometidos contra as mulheres e das violações de direitos humanos cometidos contra as mesmas, para mim seria injusto não considerar a mulher igual ao homem.

Seria injusto sim afirmar que todas as mulheres são maternais, vulneráveis, emotivas, passivas e/ou subjugadas. Esta tendência de vulnerabilizar a mulher em todos os contextos parece-me errada porque não defendemos uma mulher ao falar da sua vulnerabilidade e passividade e ao desconsiderá-la de atos atrozes.

As mulheres podem querer matar em nome da religião, sem terem de ser obrigadas.

Posto isto, e segundo os dados, as mulheres podem ser terroristas e ainda, vitimizar outras mulheres.

5.1. RESPOSTA À QUESTÃO CENTRAL E PERGUNTAS DERIVADAS

O estudo procura encontrar resposta à questão de investigação “Quais os principais contributos da mulher no terrorismo?”.

Neste sentido, após a investigação, pode concluir-se que os principais contributos da mulher no terrorismo consistem:

Na maternidade - na reprodução e criação da nova geração de jihadistas, que se afigura como essencial para a manutenção da organização e para o futuro da mesma. Além de que, dado que o ‘futuro’ é criado já dentro da OT, o trabalho é muito facilitado em termos de respeito e cumprimento da ideologia acreditada e defendida pela organização terrorista.

No suporte afetivo e apoio aos combatentes - seja através das tarefas domésticas ou enquanto esposas dos mesmos.

No apoio logístico e operacional - como agentes de informações, facilitadoras e participantes no planeamento de ataques, em atividades de branqueamento de capitais ou como bombistas suicidas.

Na saúde e educação - as mulheres desempenham papéis importantes, como educar a nova geração da jihad segundo a ideologia, e atuando como enfermeiras e médicas dentro da organização.

Os dados segurem ainda, que o contributo das mulheres ao nível do recrutamento e radicalização, especialmente de outras mulheres é de extrema relevância.

Importa notar que, ao referir os principais contributos e constatando que dentro deles fazem parte tarefas que não são apenas de apoio secundário, é possível afirmar que as mulheres têm vindo a desempenhar um papel mais ativo dentro das organizações terroristas islamistas, especialmente no Estado Islâmico.

Relativamente aos objetivos deste tipo de organizações, apesar de variados, todos eles são políticos e passam pela tentativa de alcançar algum tipo de poder, seja o poder sobre uma nação, seja a construção do califado ao qual todos pertencem e todos se comportam conforme as normas e leis da organização; mas ainda: expansão para outros territórios; matar todos aqueles que consideram infiéis; vingança para com o ocidente; e, através de ataques, causar o medo e a instabilidade nas populações ocidentais.

Na realidade, todos os objetivos têm por base a imposição de uma ideologia extremista do Islão através do uso da violência.

Sobre a questão dos casos em que as mulheres são vítimas dentro das organizações terroristas, estas são-no em variadas situações, como por exemplo, quando são exploradas sexualmente, escravizadas, penalizadas através de tortura ou são raptadas e obrigadas a integrar a organização e servir os propósitos da mesma sem que estas tenham desejado fazer parte da OT.

Esta questão é muito importante para entender os limites entre a vitimização e a autoria, ou seja, é necessário entender os casos concretos em que a mulher é vítima e qual o limite para passar de vítima a autora, apesar da extrema complexidade dos casos dentro das organizações extremistas islamistas. Até porque, como verificámos ao longo da investigação, muitas mulheres podem começar inicialmente como vítimas, uma vez que são obrigadas a ingressar na organização, e depois, devido a toda a lavagem cerebral e ao processo de radicalização por que passam, tornarem-se fiéis seguidoras da ideologia extremista e cometerem/facilitarem ataques.

Durante a análise do tema faz-se referência às mulheres yazidi porque estas são, de acordo com toda a bibliografia encontrada, efetivamente vítimas. Foram raptadas, violadas, feitas escravas sexuais para servir os combatentes e para venda a qualquer pessoa que as quisesse comprar e utilizar como propriedade. Não foram encontrados relatos destas mulheres cometerem ataques ou terem um papel mais ativo, dado que são olhadas, neste caso pelo Estado Islâmico, como animais, que servem unicamente para serem oferecidas como recompensa aos combatentes e darem à luz uma nova geração de jihadistas dado que já foram previamente convertidas ao Islão.

Em suma, conclui-se que podemos referir a vitimização a vários níveis, ou seja, os casos em que as mulheres são vítimas diretas das organizações, como por exemplo, vítimas de ataques terroristas e de exploração sexual, mas também pelo contexto em que se inserem onde muitas vezes a ingressão na organização é uma questão de sobrevivência, pois não encontram outras opções para se manterem vivas.

A questão da sobrevivência é considerada uma motivação, ou seja, não restando alternativas, acreditam que esta é uma forma de conseguirem ter acesso a alimentos, a constituir família e terem proteção, caso contrário acreditam que o seu único destino seria a morte.

Mas não só, ao longo da investigação compreendeu-se que as motivações são variadas e podem ser de ordem emocional ou racional. Mesmo que a ingressão seja por motivo de sentimento de perda, porque perderam familiares, por vingança, ou por se encontrarem sozinhas e quererem ter uma família, e encontrarem uma forma de pertencer.

Além de que, só a parte emocional em si tem uma importância gigante na questão da eficiência da mulher e do sucesso que estas podem ter dentro da organização, porque dá-lhes uma força inquestionável para desempenharem as suas funções.

As motivações de ordem mais racional são a vontade de ajudar as organizações a combater os infiéis, partilhando a ideologia da organização, as motivações económicas, ou a vontade de crescerem dentro da organização, ou seja, mostrar que são capazes e irem subindo na hierarquia de funções.

Tendo em consideração a inferiorização a que são sujeitas durante toda a vida existe a possibilidade de algumas mulheres verem esta participação como uma forma de serem quase tão importantes como os homens na procura de alcançar um objetivo que os inclui a todos. Outras, não revelam interesse na ideologia, mas conseguem obter lucro através da facilitação de atividades terroristas com o seu envolvimento em atividades de branqueamento de capitais.

Aquelas que vão do Ocidente para locais como a Síria ou Iraque, têm uma motivação acrescida, o desejo de concretizar o seu dever para com a nova religião ao máximo e conseguem ser mais extremistas do que as mulheres muçulmanas.

Relativamente às vantagens do recrutamento de mulheres, as vantagens referidas resumem-se no facto das mulheres não serem alvo de tanta vigilância e de serem desconsideradas de atos terroristas. Isto está intimamente ligado aos estereótipos que referia no início, assim como o facto de na visão de muitos estas poderem ser facilmente manipuladas através da ativação do sentimento de perda.

Outra das vantagens resume-se no facto de serem um apoio emocional e afetivo para os combatentes e ainda uma forma de os fazer permanecer na organização, porque lhe são entregues como esposas, amantes e mães dos futuros filhos.

Além deste apoio afetivo as mulheres mostraram ser um grande apoio a nível operacional. Uma das grandes conclusões retiradas é que as mulheres são as melhores no processo de recrutamento de outras mulheres e facilmente conseguiam ser acreditadas nos sites de propaganda.

Isto verifica-se, mais uma vez, pelos estereótipos, ou seja, pelo facto de as mulheres serem consideradas mais honestas e confiáveis que os homens.

Ainda, no planeamento e preparação de ações violentas, nos negócios de branqueamento de capitais, no policiamento dos comportamentos e costumes de outras mulheres, de acordo com os dados, estas revelaram-se um *asset*.

Ao referir a Brigada *Al-Khansaa* na investigação, o objetivo era demonstrar que as mulheres podem ter funções de relevo dentro da organização e vitimizar outras mulheres.

Dado que, a maioria das mulheres que integrava a *Al-Khansaa* eram *foreign fighters* e que viajaram, por vontade própria, para territórios do *Daesh* para integrar a OT e apoiar a causa, é evidente que nestes casos existe uma motivação racional e uma forte crença na ideologia, cometendo diversos crimes contra outras mulheres, enquanto polícia de costumes. Estas mulheres não viviam no contexto islâmico, não tinham o país ocupado por terroristas, nem a vida em risco, mas quiseram ingressar numa das maiores organizações terroristas dos últimos tempos.

Todas estas questões revelam-se importantíssimas nos esforços de combate ao terrorismo pela necessidade em entender de que forma as mulheres contribuem para as organizações, e assim tornar mais claro todos os processos dentro das OT.

Ao analisar a mulher neste contexto e aos poucos perceber em que lugar ela se posiciona dentro do terrorismo, poderemos caminhar para uma maior prevenção do fenómeno.

Nesse sentido, é essencial ignorar os estereótipos, e na minha perspetiva, é preciso estudar os géneros de forma separada para conseguir analisá-los de uma forma mais igualitária.

As mulheres sempre foram consideradas como o “sexo fraco” e se não transformarmos essa visão de que são menos capazes, mais vulneráveis, emotivas e maternais, torna-se inviável atentar certos pormenores que podem ser essenciais.

Estudar a posição da mulher no terrorismo é essencial porque elas devem ser consideradas pelas forças policiais e pelos serviços de segurança, pois como constatado durante a investigação, têm uma maior capacidade de infiltração no tecido social, o que se constituiu como um fator de risco adicional. Além de que, a participação das mulheres nas organizações terroristas acrescenta população no número de potenciais alvos.

Investigar esta problemática implica, dar poder às mulheres, descaracterizá-las das que são as suas características habituais e tradicionais para poder caracterizá-las de uma forma mais adequada às mudanças que foram surgindo, acreditando que desta forma damos-lhes poder. Damos poder às vítimas porque consideramos vítimas apenas aquelas que realmente o são e dessa forma podem ser tratadas e ter um apoio mais adequado e damos poder às terroristas com o objetivo de estarmos mais bem preparados para o retirar, oferecendo-lhes condições para a desradicalização.

5.2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se sabe, o terrorismo é uma das maiores ameaças que enfrentamos ao nível da segurança, e o terrorismo religioso tornou-se um dos tipos de terrorismo mais complexos de dar resposta, porque há uma ideologia muito vincada que utiliza a violência de forma irracional e que não olha aos meios para atingir os fins.

Além de que, há claramente um ódio que é cultivado dia após dia contra o Ocidente, o que faz de nós um dos maiores alvos e que deixa as nossas populações inquietas perante a utilização da violência na defesa de algo que nos é desconhecido.

O problema do terrorismo religioso islamista é que leva ao um nível de extremismo ímpar, tornando difícil que se aceitem diferenças ou outro modelo de sociedade. Isto origina uma luta constante e avassaladora contra o que os defensores do islamismo consideram descabido.

Arrisco-me a dizer que a ideologia que defendem e cultivam nunca irá morrer, e que por isso estamos perante um problema impossível de derrotar, restando-nos fazer os maiores esforços para o atenuar.

Ao longo da investigação referi três grupos terroristas que considerei serem os mais importantes para analisar a utilização da mulher nas atividades terroristas.

Após a investigação é possível afirmar que o Estado Islâmico sobressai inegavelmente pelo nível de violência que exerce em todas as suas reivindicações, mas pelo facto de que conseguiram criar um Estado de verdade, com leis que salvaguardavam os seus interesses e tornavam 'legais' as formas de os alcançar; ainda, pelo sucesso na propagação da mensagem, conseguindo que milhares de pessoas voassem de países como o Reino Unido, Holanda, Estados Unidos para a Síria ou Iraque para integrarem a *jihad*.

Criaram gerações dentro das organizações que não precisam de ser sujeitas a processos de radicalização, ou convertidas ao Islão, porque tudo o que conhecem e vivem é o que o Estado Islâmico defende e ambiciona.

Ainda, aquilo que todos os grupos diriam ser impensável, tornou-se uma realidade: A utilização de mulheres nas organizações.

A realidade mostra-nos que, ainda de forma desigual nas zonas do Mundo, há uma manutenção das conotações negativas que resultam da figura estereotipada da

mulher e que esse é um fator que também nos atrasa e dificulta as estratégias para erradicar a violência.

Primeiro, porque as mulheres a sofrem mais e diretamente, mas também porque o contexto social que muitas vezes se inserem as prejudica a vários níveis e as leva à radicalização.

Não é absurdo que alguém que só conhece a violência e que não tenha quaisquer perspectivas de futuro se torne também um ator de violência. Além de que, tendo em consideração toda a escassez de direitos de que as mulheres são vítimas e a falta de um lugar na sociedade que as valorize, faz com que tenham muita mais raiva, ódio, frieza, e muito menos a perder.

É necessário alterar as condições que permitiram a radicalização e que, apesar de existir a consciência de que nem todos os retornados são possíveis de desradicalizar, é fundamental que se façam esforços no sentido da desradicalização e integração ativa de membros e familiares.

É necessário valorizar e empoderar as mulheres para que estas possam seguir outros caminhos que não impliquem a utilização da violência e a compactuação com o terrorismo.

Por estas razões, a importância da perspectiva de género; dar ferramentas às mulheres para que estas consigam ser agentes de prevenção e não de radicalização. Tornar a eficiência que têm nos processos de radicalização e no apoio à causa jihadista em intervenção no sentido de prevenção do terrorismo e da fomentação de ideias mais tolerantes no contexto em que se inserem, seja este familiar ou não.

A chave é caminhar, cada vez mais, para a igualdade de género e para o empoderamento das mulheres, dando-lhes o poder para se posicionarem do lado da paz e para que os seus contributos sejam nesse sentido.

5.3. LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES PARA INVESTIGAÇÕES FUTURAS

A principal limitação advém da complexidade do estudo e da dificuldade em encontrar um número considerável de investigações recentes que tratem a participação da mulher no terrorismo religioso islamista. Além da dificuldade em conseguir conclusões assertivas da mulher como terrorista num contexto que a vitimiza de variadas formas, surge a necessidade de avaliar todas as componentes para que não se desvalorize essa condição de vítima.

Essa preocupação em não desvalorizar a condição de vítima indica dificultar a transformação das possibilidades em factos.

Ainda, há uma dificuldade acrescida em criar um perfil de terrorista, especialmente se for uma mulher, porque as motivações são muito variadas, o *background* é muito complexo e cada caso é diferente.

Contudo, este tema merece toda a atenção e foco para que se aprofunde toda esta questão da mulher no terrorismo.

Sugiro, desta forma, que se analise o género feminino neste contexto na ambição de tornar ambos os sexos mais próximos da igualdade. Para isso, afigura-se como relevante que no estudo se aprofunde e analise também o género masculino, sendo que os problemas de desigualdade de género não deveriam ser focados só no género feminino e um problema só das mulheres, mas de todos.

Concluimos que as mulheres podem ser terroristas e as mulheres podem vitimizar outras mulheres, ocorrendo-me que, uma vez que todos os estereótipos ligados à mulher podem limitar as estratégias de contraterrorismo, também os estereótipos ligados aos homens podem definir uma estratégia de contraterrorismo. O homem é forte, violento, ideologicamente assertivo, mas o que é que nos faz crer que os homens não são chantageados a ingressar numa organização terrorista? Obrigados a explodirem-se? Os homens têm outras opções? Certamente terão mais, mas existirão exceções?

Estas questões afiguram-se relevantes para investigação futura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDUL NASIR, Amalina - Women in Terrorism: Evolution from Jemaah Islamiyah to Islamic State in Indonesia and Malaysia. **Counter Terrorist Trends and Analyses**. 11:2 (2019) 19–23 (2017).
- AL-SAMMAK, Najlaa Ibrahim; BARHAWI, ReemYaseen; JAMEL, Safwan Hashim - Knowledge and Practice Toward Breastfeeding Among Mothers Attending Al-Khansaa and Al-Salam Teaching Hospitals in Mosul City. **Annals of Tropical Medicine and Public Health**. 23:18 (2020). doi: 10.36295/asro.2020.231834.
- ASSEMBLY, General - **Sixth Committee Measures to eliminate international terrorism** Delivered by Ambassador Mr . Odd Inge Kvalheim Deputy Permanent Representative of Norway. 2020).
- BAKKER, Edwin; GRAAF, Beatrice DE - Lone Wolves: How to Prevent This Phenomenon? **Terrorism and Counter-Terrorism Studies**. November (2010) 1–8. doi: 10.19165/2010.2.01.
- BBC - **Profile: Samantha Lewthwaite**(2013).
- BESENYŐ, János - The Islamic State and its human trafficking practice. **Strategic Impact**. 60:3 (2016) 15–21.
- BINETTI, Ashley - A New Frontier: Human Trafficking and ISIS's Recruitment of Women from the West. **Information2Action**. 2015) 1–8.
- BIZOVI, Olivia M. - Deviant Women: Female Involvement in Terrorist Organizations. December (2014) Bonnell, Joe, et al. Teaching Approaches That Help.
- BLOOM, M., & MATFESS, H. (2016). Women as Symbols and Swords in Boko Haram's Terror. *PRISM*, 6(1), 104–121. <http://www.jstor.org/stable/26470435>

Brown, K. E., & Pearson, E. (2018). Social media, the online environment and terrorism. In *Routledge handbook of terrorism and counterterrorism* (pp. 149-164). Routledge.

BRUNNER, Claudia - Female suicide bombers - Male suicide bombing? Looking for gender in reporting the suicide bombings of the Israeli-Palestinian conflict. **Global Society**. . ISSN 13600826. 19:1 (2005) 29–48. doi: 10.1080/1360082042000316031.

BRUNO, Cátia - **Portuguesa condenada na Holanda enfrenta mais de quatro anos de prisão por ter pertencido ao Estado Islâmico**, atual. 2022.

CARDI, Coline - **Penser la violence des femmes**. Paris: Éditions La Découverte, 2017. ISBN 978-2-7071-9692-7.

CARON GENTRY; SJOBERG LAURA - Female Terrorism and Militancy. **Female Terrorism and Militancy**. . ISSN 08445621. 39:1 (2014) 1–13.

CHETERIAN, Vicken - ISIS genocide against the Yazidis and mass violence in the Middle East. **British Journal of Middle Eastern Studies**. ISSN 14693542. 48:4 (2021) 629–641. doi: 10.1080/13530194.2019.1683

COMISSÃO EUROPEIA - Estratégia para a igualdade de género. 2021:2021) 1–6.

COUNCIL, The Security - Security Council. **International Organization**. . ISSN 15315088. 15:1 (1961) 166–171. doi: 10.1017/S0020818300024607.

CRAGIN, Kim; DALY, Sara A. - ASSESSING TERRORIST THREATS: The Dynamic Terrorist Threat. 2004).

Cunningham, K. J. (2007). Countering female terrorism. *Studies in Conflict & Terrorism*, 30(2), 113-129.

Cymerman, H. & Oreg. A. (2018). *O terror entre nós. A ameaça do terrorismo islamista ao modo de vida ocidental*. Lisboa: Porto Editora.

Degaut, M. (2014). Dark Shadows. *Harvard International Review*, 36(1), 36.

DESBOIS, FATHER; NASTASIE, Costel - **The terrorist factory: Isis, The Yazidi Genocide, and Exporting Terror**. New York : Arcade Publishing, 2018. ISBN 9781628729467.

EL-MASRI, Samar - **Prosecuting ISIS for the sexual slavery of the yazidi women and girls**. 2018).

ELIAS, Luís - O Terrorismo Transnacional Contemporâneo: Segurança, Justiça e Cooperação. **Nação e Defesa**. 2019) 78–112.

European Union Terrorism Situation and Trend Report 2020 –

FACHADA, Cristina Paula De Almeida *et al.* - Normas de Autor do IUM. 7:2020) 44.

FARC-EP. **Glendon Journal of International Studies**. 8:1 (2015).

Fink, N. C., Barakat, R., & Shetret, L. (2013). The roles of women in terrorism, conflict, and violent extremism. *Policy Brief*, 1320.

FINK, NAUREEN; BARAKAT, RAFIA;SHETRET, Liat - The roles of Women in Terrorism, Conflict and Violente Extremism. **Center on global terrorism Cooperation**. 2014).

GONZALEZ-PEREZ, Margaret - Women and Terrorism. **Women and Terrorism**. May (2008). doi: 10.4324/9780203926550.

GUERREIRO, Alexandre - **Islão: O Estado Islâmico e os Refugiados**. Lisboa : Quimera Editores, 2016. ISBN 978-972-589-251-0.

HAMILTON, Carrie - the gender politics of political violence:women armed activists in ETA. **feminist review** 86. 2007).

HAMZA, Nabila - Femmes Jihadistes, actrices à part entière ou simples victimes? 2016) 1–21.

HEGGHAMMER, Thomas - The rise of muslim foreign fighters: Islam and the Globalization of jihad. **International Security**. . ISSN 01622889. 35:3 (2011) 53–94. doi: 10.1162/ISEC_a_00023.

HERRINGTON, Lewis - **Understanding islamist terrorism in Europe Drugs, Jihad, and the Pursuit of Martyrdom**. [S.I.] : Routledge, 2022. ISBN 9780367281526.

HOLMES, Sarah - 'Women in modern terrorism, from liberation wars to global jihad and the Islamic State'. **Journal of Policing, Intelligence and Counter Terrorism**. . ISSN 1833-5330. 13:3 (2018) 375–375. doi: 10.1080/18335330.2018.1505050.

JACOBSEN, Sara Jul - Calling on women: Female-specific motivation narratives in Danish online jihad propaganda. **Perspectives on Terrorism**. . ISSN 23343745. 13:4 (2019) 14–26.

JAFFAL, Zeyad - **Rape as genocide crime in international criminal law - The case of Yazidi Women in Iraque** .(2020).

Jihadist women, a threat not to be underestimated - . The Hague : [s.n.]

JOSÉ, Paula Castellano San - Daesh ' s Gender-Based Crimes against Yazidi Women and Girls Include Genocide. **Comillas Journal of International Relations**. 1:8 (2020) 1–12.

JOSÉ, Paula Castellano San - Daesh ' s Gender-Based Crimes against Yazidi Women and Girls Include Genocide. **Comillas Journal of International Relations**. 1:8 (2020) 1–12.

Khelghat-Doost, H. (2016). Women of the Islamic State: The evolving role of women in jihad. *Counter Terrorist Trends and Analyses*, 8(9), 21-26.

KNOP, Katharina VON - The female Jihad: Al Qaeda's women. **Studies in Conflict and Terrorism**. ISSN 1057610X. 30:5 (2007) 397–414. doi: 10.1080/10576100701258585.

KRUGLANSKI, Arie W. *et al.* - Terrorism-A (Self) love story: Redirecting the significance quest can end violence. **American Psychologist**. ISSN 0003066X. 68:7 (2013) 559–575. doi: 10.1037/a0032615.

LAKOMY, Miron - Islamic state's online propaganda: A comparative analysis. **Islamic State's Online Propaganda: A Comparative Analysis**. 2021) 1–250. doi: 10.4324/9781003143970.

LASTER, Kathy; EREZ, Edna - Sisters in Terrorism? Exploding Stereotypes. **Women and Criminal Justice**. ISSN 15410323. 25:1–2 (2015) 83–99. doi: 10.1080/08974454.2015.1023884.

LASTER, Kathy; EREZ, Edna - Sisters in Terrorism? Exploding Stereotypes. **Women and Criminal Justice**. ISSN 15410323. 25:1–2 (2015) 83–99. doi: 10.1080/08974454.2015.1023884.

LUTZ, James M.; LUTZ, Brenda J. - **Global terrorism Index**

MARTINI, Lorena - Women of Isis:An overview of gender female roles within the caliphate. **The Square Mediterrian Centre for revolutionary studies**. 2015).

MARTINI, Lorena - Women of Isis:An overview of gender female roles within the caliphate. **The Square Mediterrian Centre for revolutionary studies**. 2015).

MIETZ, Eric - WHAT ABOUT THE WOMEN? Understanding and Addressing the Problem of ISIS Female Recruitment in the Western Balkans Author. **Centre Belgrade Policy Security**. 2016 (2019).

MIRZA, Younus Y. - «The Slave Girl Gives Birth to Her Master»: Female Slavery from the Mamlūk Era (1250-1517) to the Islamic State (2014-). **Journal of the American Academy of Religion**. ISSN 00027189. 85:3 (2017) 577–599. doi: 10.1093/jaarel/lfx001.

MONDANI, Hernan *et al.* - Women in Violent Extremism in Sweden. 2021) 15. doi: 10.3390/proceedings2021077015.

MURAD, Nadia - **Eu serei a última - A história do meu cativo e a minha luta contra o Estado Islâmico**. Lisboa : Penguin Random House Grupo Editorial, 2021

Nacos, B. (2016). *Terrorism and counterterrorism*. Routledge.

Nacos, B. L. (2005). The portrayal of female terrorists in the media: Similar framing patterns in the news coverage of women in politics and in terrorism. *Studies in conflict & terrorism*, 28(5), 435-451.

NAGOURNEY, ERIC; GOLDBAUM, Christina - Who are the taliban. **the new york times**. [Em linha]2022). Disponível em WWW:<URL:<https://www.nytimes.com/article/who-are-the-taliban.html>>.

NAGOURNEY, ERIC; GOLDBAUM, Christina - Who are the taliban. **the new york times**. [Em linha]2022). Disponível em WWW:<URL:<https://www.nytimes.com/article/who-are-the-taliban.html>>.

NWANGWU, Chikodiri; EZEIBE, Christian - Femininity is not inferiority: Women-led civil society organizations and “countering violent extremism” in nigeria. **International Feminist Journal of Politics**. ISSN 14684470. 21:2 (2019) 168–193. doi: 10.1080/14616742.2018.1554410.

ODELLO, Marco - **Trafficking in human beings and international peacekeeping**. ISBN 9781317485698.

ONUOHA, Freedom C.; GEORGE, Temilola A. - Boko Haram’s use of Female Suicide Bombing in Nigeria. March (2015).

ORGANIZATION FOR SECURITY AND CO-OPERATION IN EUROPE. - **Understanding the Role of Gender in Preventing and Countering Violent Extremism and Radicalization that Lead to Terrorism: Good Practices for Law Enforcement**. ISBN 9783903128385.

Pearson, E. (2018). Wilayat Shahidat: Boko Haram, the Islamic State, and the question of the female suicide bomber. *Boko Haram Beyond the Headlines: Analyses of Africa's Enduring Insurgency*, 33-52.

PHELAN, Alexandra - Special Issue Introduction for Terrorism, Gender and Women: Toward an Integrated Research Agenda. **Studies in Conflict and Terrorism**. . ISSN 15210731. 0:0 (2020) 1–9. doi: 10.1080/1057610X.2020.1759252.

PINTO, Jose - Global Female Jihadism : Far from the Paradise. 18:September (2018).

PINTO, Jose F. - Global Religious Terrorism, A Troubling Phenomenon Global Religious Terrorism, A Troubling Phenomenon. **Global Journal of HUMAN-SOCIAL SCIENCE: A Arts & Humanities - Psychology**. . ISSN 2249-460x. February (2019).

PINTO, Jose F. - **Terrorismo religioso - A realidade no feminino**. Lisboa : [s.n.]. ISBN 978-972618-967-1.

ROGEIRO, Nuno - Nuno Rogeiro sobre o Afeganistão, um país dividido e ensanguentado todos os dias.Expresso, , 2021. Disponível em WWW:<URL:<https://expresso.pt/podcasts/leste-oeste-de-nuno-rogeiro/2021-08-08-Nuno-Rogeiro-sobre-o-Afeganistao-um-pais-dividido-e-ensanguentado-todos-os-dias-30a22fed>>.

RTP - **Líderes dos rebeldes de cabo delgado foram identificados**, atual. 2021.

Sabine, G. H. (1927). The Modern State. *The Philosophical Review*, 36(3), 258-262.

SABINE, George - **A History of Political Theory**, (1937)

SAIKAL, Amin - Women and Jihad: Combating Violent Extremism and Developing New Approaches to Conflict Resolution in the Greater Middle East. **Journal of Muslim Minority Affairs**. . ISSN 14699591. 36:3 (2016) 313–322. doi: 10.1080/13602004.2016.1216628.

SALTMAN, ERIN; SMITH, Melanie - **Till Martyrdom do us apart**

Schmid, A. (2017). Public opinion survey. Data to measure sympathy and support for Islamist terrorism. *International Centre for Counter-Terrorism-The Hague*.

SCHMID, Alex - Moderate Muslims and Islamist Terrorism: Between Denial and Resistance. **International Centre for Counter-Terrorism - The Hague**. August (2017). doi: 10.19165/2017.1.09.

SHALINSKY, Audrey C. - Women ' s Roles in the Afghanistan Jihad Author (s): Audrey C . Shalinsky Source : International Journal of Middle East Studies , Vol . 25 , No . 4 (Nov . , 1993), pp . 661-675 Published by : Cambridge University Press Audrey C . Shalinsky JIHAD ROLES . 25:4 (2011) 661–675.

SIC NOTÍCIAS - **Afeganistão. A lista de proibições que os talibãs impuseram às mulheres**, atual. 2021.

SIC NOTÍCIAS - **Quase 20 anos depois, talibãs voltam ao poder no Afeganistão** [Em linha], atual. 2021. Disponível em WWW:<URL:https://sicnoticias.pt/especiais/afeganistao/2021-08-16-Quase-20-anos-depois-talibas-voltam-ao-poder-no-Afeganistao-52f497a0>.

SPECKHARD, A.; AKHMEDOVA, K. - Black Widows: The Chechen Female Suicide Terrorists. **Female Suicide Terrorists**. 2006) 63–80.

SPECKHARD, Anne - Beware the Women of ISIS : There Are Many , and They May Be More Dangerous Than the Men. **Al Maghrebiya News 24**. August (2017).

SPECKHARD, Anne *et al.* - Making a Monster : How I Became an ISIS bride. August

SUTTEN, M. A. J. Marne L.; AVE, Gibbon - **The Rising Importance of Women in Terrorism and the Need to Reform Counterterrorism Strategy A Monograph by School of Advanced Military Studies Fort Leavenworth , Kansas Studies Program Command and General Staff College** [Em linha] Disponível em WWW:<URL:https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA506225.pdf>.

Sutten, M. L. (2009). *The rising importance of women in terrorism and the need to reform counterterrorism strategy*. Army Command and General Staff Coll Fort Leavenworth Ks School of Advanced Military Studies.

SYRIAN DIRECT - **How islamic state uses women to control women**, atual. 2015.

TARRAS-WAHLBERG, Louisa - Seven Promises of ISIS to its Female Recruits. . ISSN 1555-211X. 2017) 1–24.

Tomé, L. (2015). Estado Islâmico”: percurso e alcance um ano depois da autoprocamação do “Califado”. *JANUS .NET e-journal of International Relations*, 6(1), 125-149.

UNITED NATIONS - Implementation of Security Council resolution 2178 (2014) by States affected by foreign terrorist fighters – Third report. **UN Doc S/2015/975, Annex**. 2178:2014 (2015).

UNIVERSIDADE DE AVEIRO - **NP 405 Citar e referenciar: norma portuguesa**. (2015).

VALE, Gina - Women in Islamic State: From Caliphate to Camps. **ICCT Policy Brief**. October (2019). doi: 10.19165/2019.03.9.

WADUD, Amina - **Islam in the Twenty-First Century Series Editor: Omid Safi Also in this series: ISBN 9781851684632**.

WEBBER, David *et al.* - Divergent paths to martyrdom and significance among suicide attackers. **Terrorism and Political Violence**. . ISSN 15561836. 29:5 (2017) 852–874. doi: 10.1080/09546553.2015.1075979.

WELSH, Alexandra - Women of the Jungle : Guerrilleras on the Front Lines of the FARC-EP. **Glendon Journal of International Studies**. 8:1 (2015).

WOOD, Graeme - What ISIS Really Wants. 2015).

WORLD ECONOMIC FORUM - **The Global Risks Report 2021: 16th Edition** [Em linha] Disponível em WWW:<URL:http://www3.weforum.org/docs/WEF_The_Global_Risks_Report_2021.pdf>. ISBN 9782940631247.

ZEDALIS, Debra - Female Suicide Bomber. **Carlisle Papers in Security Strategy**. [s.d.].

APÊNDICES

LISTA DE APÊNDICES

- Apêndice A** - Pedido de Entrevista
- Apêndice B** - Guião da Entrevista
- Apêndice C** - Caracterização dos participantes
- Apêndice D** - Tratamento dos dados em tabela
- Apêndice E** - Transcrição das entrevistas na íntegra

APÊNDICE A

Pedido de entrevista

PEDIDO DE ENTREVISTA

Esta investigação surge no âmbito da realização da dissertação para conclusão do Mestrado em Segurança e Justiça da Universidade Lusíada de Lisboa, remetendo ao tema Terror no Feminino: A posição da Mulher no Terrorismo.

Tem como objetivo reunir conhecimento sobre os vários papéis que as mulheres desempenham nas organizações terroristas islamistas e o seu contributo para o desenvolvimento das mesmas.

Sendo o terrorismo uma das maiores ameaças à segurança internacional, a escolha deste tema passa pela necessidade de compreender melhor este fenómeno em que o foco principal é a participação da mulher, quer enquanto membro-ativo destas organizações, quer enquanto vítima das mesmas.

Vossa Excelência (nome do entrevistado), poderá contribuir para o propósito subjacente ao tema pela proximidade e vasto conhecimento que tem desta área.

Espera-se terminar esta investigação produzindo conhecimentos e ferramentas para entender o que está a mudar nas organizações terroristas, de forma que este estudo contribua também para as agências de segurança na luta contra o terrorismo.

Considerando-o um elemento-chave neste processo, pede-se que conceda uma entrevista pelo seu meio de preferência, podendo esta ser realizada por meios telemáticos, presencialmente, respeitando as normas de segurança, ou por resposta escrita via e-mail.

Agradece-se a confirmação, da possibilidade ou impossibilidade de entrevista, tão breve quanto possível.

Grata pela atenção dispensada,
Inês Menaia Tavares

APÊNDICE B

Guião da Entrevista

GUIÃO DA ENTREVISTA

Nome:

Posto:

Função que exerce:

1. Quais são, na sua opinião, os principais objetivos das organizações terroristas islamistas?
 2. Em que casos é a mulher vítima das organizações terroristas?
 3. Quais as motivações das mulheres para a integração em grupos terroristas?
 4. É vantajoso para as organizações terroristas recrutar mulheres?
 5. Quais os principais contributos da mulher no terrorismo?
 6. Qual o impacto do problema em estudo nos esforços do combate ao terrorismo?
 7. É necessário dar importância ao género no âmbito das estratégias de contraterrorismo?
 8. Considera pertinente acrescentar alguma informação adicional?
-

APÊNDICE C

Caracterização dos entrevistados

CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Entrevistados	Posto/Função	Data	Modo de execução
E1 Luís Castro	Repórter de Guerra/ Jornalista/ Apresentador na RTP1	13-12- 2021	Videoconferência
E2 Manuel Anes	Criminalista Presidente da Assembleia do Observatório do Mundo Islâmico Antigo Presidente do Observatório da Segurança, Criminalidade Organizada e Terrorismo Antigo Agente da Polícia Judiciária	14-12- 2021	Presencial
E3 Luís Elias	Superintendente da Polícia de Segurança Pública Europol	30-11- 2021	Videoconferência
E4 Adélio Neiva da Cruz	Diretor do Serviço de Informações de Segurança	17-02- 2022	Email
E5 Pedro Prata	Coordenador da Unidade Nacional de Contraterrorismo da Polícia Judiciária	15-01- 2022	Presencial
E6 Néelson Cruz	Investigador Financeiro no European Public Prosecutor's Office (EPPO)	28-04- 2022	Videoconferência
E7 Agente da Polícia Nacional Espanhola	Especialista na área do Terrorismo	04-05- 2022	Email

Tabela 6 – Caracterização dos entrevistados

Fonte: Ilustração própria

APÊNDICE D

Tratamento dos dados em tabela

PERGUNTAS	E1	E2	E3	E4
1.Objetivos das OT	Poder (sobre sociedade, nação) Objetivos políticos através da religião Vingar	Enfraquecer países ocidentais Atacar o ocidente e todos aqueles que consideram infiéis	Alterar o modelo da sociedade pela força e violência Perturbar o modus vivendi da sociedade	Imposição de uma ideologia extremista a todos os indivíduos com recurso à violência
2.Casos em que a mulher é vítima das OT	algumas são raptadas, manipuladas, forçadas sexualmente, chantageadas vistas como propriedade	Lapidação até à morte Punidas se andarem maquilhadas ou sem burca	Vítimas da interpretação extremista e literal do coração Servidoras do homem Não têm acesso à educação, saúde e emprego	Vítimas de exploração e escravização sexual Atual conjuntura faz com que o papel de vítima da mulher seja duvidoso Forçadas a casamentos arranjados
3. Motivações para a integração e grupos terroristas	Por vingança, porque têm um maior sentido de perda relativamente à morte dos filhos Porque não têm esperança	Ajudar o Estado Islâmico a combater os infiéis, mas apoio secundário	Querem apoiar e servir os combatentes Ter maior protagonismo e funções operacionais apesar de ainda não ser igual ao homem	Questão ideológica Procura de Aventura/emoção Pressão familiar Vertente sentimental (relacionada com casamentos)

<p>4.</p> <p>Vantagens de recrutar mulheres</p>	<p>Não são alvo de tanta vigilância São mais facilmente manipuladas Têm poder sobre elas Podem ativar o sentimento de perda do marido, do filho Podem ser mais cruéis e frias que os homens</p>	<p>Não há vantagens</p>	<p>Existem vantagens, não só a de se juntarem aos combatentes mas para tarefas operacionais e de inteligência</p>	<p>Vantagens operacionais no planeamento, preparação e execução de ações de cariz violento</p> <p>Exemplo do E.I que estabeleceu a Al-khansaa</p>
<p>5.</p> <p>Principais contributos da Mulher no Terrorismo</p>	<p>Logística Facilitismo em cometer alguns atentados por serem alvo de menos vigilância Não há contributo especial por ser mulher Criam os filhos para servir a causa terrorista, ou seja, fornecem recursos</p>	<p>A apoio A maternidade, os filhos para serem futuros guerrilheiros</p>	<p>Combatentes, bombistas suídas, agentes de informações (recolhem informações no inimigo), fazem parte de tarefas de planeamento de ações de combate, atentados e sequestros</p>	<p>Estratégia e operacional Legitimam a ideia de que a ideologia de uma determ. OT abrange a sociedade como um todo Apoio aos maridos, procriação e educação das crianças</p>
<p>6</p> <p>Impacto do problema em estudo nos esforços de CT</p>	<p>Terá impacto porque é perceber o que faz com que as mulheres se juntem a uma OT Importante para tomar decisões e fazer políticas para prevenir e retirar mulheres das organizações O estudo é fundamental</p>	<p>Tem impacto por exemplo em situações de mulheres que ingressaram nas organizações e querem regressar ao país de origem</p>	<p>Considerando que as mulheres têm um papel cada vez mais ativo é um fator a ter em conta por parte das forças policiais e serviços de informações As mulheres obtém resultados mais tangíveis, maior capacidade de infiltração no tecido social</p>	<p>A questão dos milhares de mulheres membros do EI e do seu eventual regresso à Europa obriga a uma visão específica por género no que diz respeito ao acompanhamento daquelas por parte das autoridades</p>

<p>7</p> <p>Necessidade de dar importância ao género nas estratégias de CTT</p>	<p>Deve empoderar-se as mulheres e dar mais condições para que as próprias não municiem os seus filhos</p>	<p>É porque como não são as primeiras militantes não se tem dado muita importância e deve fazer-se campanhas de esclarecimento para saberem que vão ser escravas do marido e domésticas, de forma a desencorajar</p>	<p>Nas estratégias deve-se privilegiar o contacto com as comunidades locais, com os líderes religiosos, com as mulheres e adolescentes sensibilizando para os riscos ao terem acesso a conteúdo online para recrutamento</p>	<p>A vertente que encontra justificação atual para uma eventual abordagem específica diferenciada será o processo de acompanhamento das mulheres associadas ao Estado Islâmico, muitas delas com menores a cargo que regressem à Europa.</p>
---	--	--	--	--

Tabela 7- Tratamento dos dados da E1 a E4

PERGUNTAS	E5	E6	E7
1. Objetivos das OT	Punir, atacar, massacrar Passar mensagem de força Exigir domínio de territórios	Objetivos políticos Recuperar o antigo califado Cultivar ódio e revolta contra o ocidente	Estabelecer um califado Rejeitar a democracia Deus como único legislador
2. Casos em que a mulher é vítima das OT	Sempre vítima a diversos níveis Quando é um dos alvos Quando não lhe são garantidos DH básicos	Não crê que sejam mais vítimas ou maior alvo das OT	As mulheres são tão vulneráveis perante a ideologia jihadista quanto os homens
3. Motivações para a integração em grupos terroristas	Para sobreviverem Porque não têm alternativa pressão social Sentimento de vingança Porque não se enquadram no poder dominante	Por motivos económicos aquelas envolvidas em atividades de branqueamento de capitais Porque é o que conhecem e o que lhes foi inculcado Por não terem oportunidades e quererem pertencer e crescer na OT	No caso do E.I as mulheres sentiam que eram parte do projeto e motivação era extraordinária No caso das FF desejam conseguir ao máximo cumprir com o objetivo da nova religião
4. Vantagens para recrutar mulheres	Suporte operacional e logístico Suporte emocional Agentes de recrutamento	Área de logística e financiamento do terrorismo Negócios de branqueamento de capitais são conseguidos essencialmente por mulheres + planeamento	A nível operacional Têm mais sucesso que os homens no recrutamento de outras mulheres

<p>5.Principais contributos da mulher no terrorismo</p>	<p>A nível da educação, da saúde Suporte logístico ao levar informações, alimentos, explosivos</p>	<p>-</p>	<p>São as mães da futura geração de jihadistas Papel importante na radicalização e recrutamento de outras mulheres</p> <p>Disseminação de propaganda e atividades de financiamento</p>
<p>6.Impacto do problema em estudo nos esforços de combate ao terrorismo</p>	<p>Na medida em que consideramos a mulher importante neste contexto Quando falamos da matriz islâmica as questões de género são preponderantes</p>	<p>Para resolver problemas fundamentalmente ideológicos e atenuar o terrorismo é preciso compreendê-los e poderemos ter uma resposta adequada para dissuadir as mulheres de pertencer a estas organizações</p>	<p>A nível da segurança existem vários riscos, porque adiciona mais população às atividades operacionais e multiplica o número de possíveis alvos de investigação e o que isso significa em termos de recursos FSC</p>
<p>7.Necessidade de dar importância ao género nas estratégias de contraterrorismo</p>	<p>Nas estratégias é preciso ter em atenção a diferenciação entre vitimização e autoria Necessário na medida em que as mulheres têm um papel importante e diferente e é preciso serem tidas em conta nestas situações</p>	<p>Existem claramente fatores comuns, mas é importante dividir a estratégia relativamente às mulheres e relativamente aos homens e tentando contribuir para uma maior igualdade de género e igualdade de oportunidades.</p>	<p>Os desenvolvimentos de programas de prevenção de radicalização precisam de ter diferentes abordagens.</p>

Tabela 7- Tratamento dos dados do E5

APÊNDICE E

Transcrição das Entrevistas

ENTREVISTA

Nome: Luís Castro

Posto: RTP

Função que exerce: Jornalista / Repórter de Guerra

1. Quais são, na sua opinião, os principais objetivos das organizações terroristas islamistas?

Na verdade, os objetivos são sempre o poder. O poder de influenciar, o poder de mandar, o poder de excluir, é sempre uma forma de poder. Estamos a falar de formas de terrorismo religioso, temos várias organizações cada uma com os seus objetivos, mas todas elas com os mesmos propósitos. O poder sobre uma sociedade, sobre uma nação, o poder sobre alguém. Neste caso, tal como todas as guerras que foram travadas em que possam ter como objetivo religioso, elas são sempre guerras políticas. Todas elas na história. A religião serve para o propósito de um poder, para um fim político, seja ele de natureza religiosa seja de que natureza for. Portanto, nós estamos perante grupos que têm visões extremadas do Corão, que levam ao extremo a lei islâmica; que fazem uma interpretação muito própria e se nós pensarmos no que são as três religiões monoteístas, se pensarmos nos cristãos, judeus e muçulmanos, eles só têm um Deus, mas são três Deuses diferentes. Enquanto o Deus judeu julga, o Deus muçulmano pune, o Deus cristão perdoa. Ou seja, enquanto nós temos um Deus que é misericordioso, os judeus têm um Deus que é alguém que avalia e julga, para os muçulmanos o Deus, é um Deus punitivo.

Claro que quando se parte já em cima desta base, mais depressa se chega aos extremos, não quer dizer que as outras religiões não o tenha porque têm, mas neste sentido podemos encontrar um caminho mais rápido para o extremismo porque tem

esta base de Deus que pune, que é também para estas pessoas alguém que vinga quem viola a lei islâmica, portanto, o julgamento ainda tem uma forma de apelo, neste caso quando se sentencia é para cumprir pena. É vingar o que aconteceu ao seu país, é vingar o que aconteceu à sua família, à sua causa, tudo com base numa motivação religiosa que volta ao princípio, na verdade não é mais que uma manifestação e tentativa de poder.

2. Em que casos é a mulher vítima das organizações terroristas?

As mulheres sempre existiram nas organizações terroristas ETA, Brigadas Vermelhas, embora nessas organizações terroristas islâmicas elas tivessem quase sempre um papel secundário ao ponto de elas próprias não terem direito a deixar uma gravação vídeo. Elas podiam executar ataques suicidas, mas não podiam deixar um vídeo, um momento em que lhes é reconhecida essa atitude. Porque para estas organizações, a mulher não é um ser igual. Ela é propriedade. E se pensarmos no *Boko Haram* islâmico africano, que rapta muitas mulheres, muitas delas em alguns casos já foram instrumentalizadas para se tornarem terroristas, porque as engravidam, porque depois têm um filho, porque exercem sobre elas chantagem, e é assim ou morrem, ou matam os filhos. A mulher tem um sentido de perda que o homem não tem, porque é mãe e criou essa criança, esse filho, e torna-se frágil ao ponto de ter fazer o que for necessário para salvar os próprios filhos. Há aqui claramente uma brutalidade que é exercida nas mulheres, para elas terem estas atitudes e ações. O papel delas além de ser secundário acaba por ser muito mais de aproveitamento do que de mentorização. O homem não é tão facilmente manipulado como uma mulher. E muitas vezes, elas vingam a morte dos seus maridos, filhos. A morte dos seus maridos porque a mulher está muitas vezes dependente do seu marido. Por exemplo uma mulher no Afeganistão que fique viúva, segundo os costumes tribais dos pashtun, vai para a mendicância. Não tem direito a terras, não tem direito a dinheiro e então como tal, o que resta à mulher? Muitas vezes é vingar-se. É também ela executar uma ação

porque tem um motivo mais válido que todos os outros. Uma das formas que também há de se combater o terrorismo islâmico na sua forma terrorista, é empoderar as mulheres. É permitir-lhes cuidados de saúde. Como é que uma mulher no Afeganistão vai ao médico? Não vai. Se elas não podem estudar, onde vai haver médicas mulheres? Isto passa tudo por empoderar as mulheres e dar-lhes condições de vida, educação, cuidados médicos e oportunidades para poderem valorizar-se. Porque é que os talibãs não querem que os meninos e as meninas vão à escola? Porque acham que a educação é contra os valores, porque é uma educação que lhes tira o poder sobre as crianças. Dessa forma, elas vão para a madraça e vão estudar só o Corão. As mulheres acabam por não conhecer outras realidades e quando vão para a Europa e mantêm os seus costumes que por vezes nos chocam, é porque elas estão inseridas em certas comunidades, é porque as comunidades também as obrigam a esses comportamentos, ou então são fundamentalistas, porque qualquer pessoa quer emancipar-se, quer ser livre, quer ser independente. E porque é que essas mulheres tendo direito de beneficiar desses mesmo valores, não irão querer? Quando as pessoas só conhecem aquilo, não se pode pedir que ajam de forma diferente.

A mesquita de Brafa é uma mesquita xiita em Bagdá, onde o Imã muçulmano xiita, disse que conheceu o nosso primeiro ministro, na altura Durão Barroso e que lhe pediu para não enviar soldados para o seu país, porque vai andar em carros de combate e vai ser considerado ocupante. Pediu-lhe para enviar antes médicos, e pessoas para construírem escolas e hospitais e no final, vai estar lá uma placa na parede a dizer “Construído por Portugal” e tu passas a ser nosso amigo, em vez de invasor e ocupante. É esta a forma como as pessoas olham para os seus países e como nós olhávamos se estivéssemos no lugar deles. Nisto somos todos iguais, pais, mãe, defendemos os nossos e se tivermos que lutar por eles vamos lutar por eles.

3. Quais as motivações das mulheres para a integração em grupos terroristas?

Na Chechénia tínhamos as viúvas negras, as mulheres dos soldados que tinham ficado viúvas. Porque é que elas lutavam? Pela mesma razão. Porque lhes matam os filhos, matam os maridos, ou porque lhes matam a esperança. A mulher tem um maior sentido de perda relativamente aos filhos, porque o gerou, carregou, criou. É diferente.

4. É vantajoso para as organizações terroristas recrutar mulheres?

É. Primeiro porque elas não são alvo de tanta vigilância, exerce-se mais vigilância sobre os homens, e até porque existe esta fragilidade da mulher em que ela pode ser mais facilmente manipulada a integrar este tipo de iniciativas. Ou seja, têm poder sobre elas. Porque podem ativar o sentimento de perda do marido, do filho ou da sua casa.

Há casos em que as mulheres até acabam por ser mais cruéis que os homens. Na forma como lutam e na forma como executam atentados. Mas atenção, no caso dos homens, muitas vezes são pessoas que tiveram educação e que são pessoas cultas. Por isso é que se deve valorizar a atitude de um bombista suicida, porque ele é consciente, está ciente da causa e das consequências.

5. Quais os principais contributos da mulher no terrorismo?

O contributo pode ser em termos de logística, ou facilitismo com que se calhar executam alguns atentados que aos homens se torna mais difícil exatamente por serem alvo de maior vigilância. Não me parece que haja um contributo especial só porque é mulher.

Em algumas situações, elas criam os seus próprios filhos para servir a causa terrorista. Nesse aspeto fornecem recursos às organizações terroristas.

Há muitas mulheres europeias que se juntaram às organizações terroristas e por aí também se percebe que há uma necessidade de pertença, algo que os una, um objetivo, um sentido grupal, uma “bandeira”. Até um poder, por exemplo, o poder de matar. Dão-lhes um significado para a vida. Muitas vezes as pessoas estão perdidas à

espera que alguém lhes dê uma causa. E isto explica muito, o porquê de tantos se terem juntado à causa.

Quando estive no Iraque havia três coisas em que o Saddam era intransigente: ele lutava contra os excessos religiosos, ou seja, o fundamentalismo xiita. Lutava contra aqueles que tentavam destruir o património cultural, como o Estado Islâmico fez. E lutava pelo direito das mulheres. Conduziam, trabalhavam, tinham praticamente igualdade de direitos. Encontrei uma sociedade muito diferente. A questão política era muito diferente, mas encontrava mulheres plenamente integradas e com igualdade de direitos. É isso que está a acontecer agora? Não. Fomos lá fazer o quê, melhorar o quê? Lutar pelo petróleo?

6. Qual o impacto do problema em estudo nos esforços do combate ao terrorismo?

Terá impacto, porque é perceber o que é que faz com que estas mulheres contribuam para uma organização terrorista. É pelo sentimento de pertença? É porque não tem condições? Deve empoderar-se as mulheres e dar mais condições para que elas próprias não municiem estas organizações com os seus filhos. Devemos preocupar-nos com os motivos para a integração para que se tomem decisões e se façam políticas para que se possa retirar a mulher da organização. O estudo é fundamental.

7. É necessário dar importância ao género no âmbito das estratégias de contraterrorismo?

8. Considera pertinente acrescentar alguma informação adicional?

ENTREVISTA

Nome: Professor Dr. José Manuel Anes

Posto:

Função que exerce:

Manuel Anes: Basicamente as mulheres, no começo do Estado Islâmico, se elas fossem acompanhadas ou com algum companheiro, a verdade é que era uma grande desilusão para elas porque iam ter o papel tradicional de mulher como têm nas sociedades mediterrâneas.

Ficavam em casa a tomar conta da casa e dos filhos e apenas isso. Portanto, papel absolutamente secundário. Contrasta imenso com a civilização curda, as curdas são militantes, guerrilheiras, são mulheres livres e independentes. Os guerreiros islamistas do Estado Islâmico tinham pavor de serem feridos ou mortos pelas mulheres curdas porque serem mortos, em martírio e por mulheres, já não iam para o céu.

Quando o EI começou a ser bombardeado e a estrutura física do EI ficou enfraquecida, é provável que eles tenham se socorrido das mulheres para combate, mas não acredito muito.

No entanto, tudo é possível quando a necessidade aperta.

Inês: É correto utilizar o termo Organizações terroristas islamistas?

Manuel Anes: Perfeitamente. Não é Islão, nem são islâmicas. São islamistas.

1. Quais são, na sua opinião, os principais objetivos das organizações terroristas islamistas?

Primeiro enfraquecer os países ocidentais porque digamos que é o grande inimigo deles.

Se bem que quanto ao Estado Islâmico, eles têm um grande inimigo que é o Islão moderado.

Veja-se agora que no Afeganistão, o Estado Islâmico está a atacar o regime dos talibãs e atacará outra vez a Al-Qaeda quando ela aparecer e portanto, no que diz respeito ao Estado Islâmico, o objetivo é atacar o ocidente e aquilo que eles denominam como maus muçulmanos, os infiéis.

2. Em que casos é a mulher vítima das organizações terroristas?

Nas zonas onde o Estado Islâmico dominava, as mulheres eram sujeitas a lapidação até à morte, se fossem infiéis com o marido. Não há piedade. São o sexo dito fraco e a regra é extremamente dura relativamente às “faltas” cometidas pelas mulheres. Se andam maquilhadas, se andam sem a burca, são faltas imperdoáveis para o Estado Islâmico e creio que para a Al-Qaeda também.

3. Quais as motivações das mulheres para a integração em grupos terroristas?

A motivação primeira é ajudar o Estado Islâmico a combater os infiéis, mas depois tinham a desilusão de que não iam combater e iam antes fazer as lides da casa e esperar que os maridos regressassem do combate.

Pelo menos na grande fase do Estado Islâmico, depois quando o EI começa a ser bombardeado, talvez tenham sido chamadas para o combate, mas não acredito.

4. É vantajoso para as organizações terroristas recrutar mulheres?

De modo algum. Para as organizações terroristas recrutar mulheres é complicado. Temos na

Palestina, na faixa de Gaza, o Hamas e a Jihad Islâmica. O Hamas sim, talvez utilize mulheres em combate. Mas as organizações como o Estado Islâmico e Al-Qaeda só com muita relutância é que conseguem recrutar mulheres para o combate.

5. Quais os principais contributos da mulher no terrorismo?

Apoio. Mais nada.

Inês: Por exemplo, a questão da maternidade?

Manuel Anes: Sim, os filhos para serem futuros guerrilheiros, mas apenas isso.

6. É necessário dar importância ao género no âmbito das estratégias de contraterrorismo?

É. Como elas não são as primeiras militantes não se tem dado muita importância, e vale a pena ter uma campanha de esclarecimento, para que saibam que não vão para o combate, vão apenas para ser servas do esposo e para fazer trabalhos domésticos. Isso pode ser que desencoraje algumas.

Inês: Uma questão de prevenção?

Manuel Anes: Sim, minorizar o seu papel no combate.

7. Considera pertinente acrescentar alguma informação adicional?

Há um bom livro de Jéssica Stern sobre as mulheres suicidas, sobretudo na Palestina.



ENTREVISTA

Nome: Luís Elias

Posto: Superintendente da Polícia de Segurança Pública

Função que exerce: Diretor do Departamento de Operações

1- Quais são, na sua opinião, os principais objetivos das organizações terroristas islamistas?

Os principais objetivos das organizações terroristas islamitas consistem em obter dividendos políticos através da violência, sendo o propósito final, em muitos casos, alterar politicamente o modelo de sociedade que vigora nos países ocidentais, assim como perturbar o modus vivendi dos cidadãos nos designados países desenvolvidos. É veiculada uma interpretação facciosa do Corão. Portanto, o objetivo do terrorismo é, no fundo, alterar pela força e pela violência o modelo de sociedade nas sociedades ocidentais.

2- Em que casos é a mulher vítima das organizações terroristas islamistas?

A mulher é vítima destas organizações, desde já, pela interpretação sectária e literal do Corão que secundariza / minoriza a mulher face ao homem. Os fundamentalistas islâmicos têm a perspetiva que a mulher é meramente uma servidora do homem e isso prejudica a livre fruição de direitos, liberdades e garantias por parte destas. Nas sociedades onde vigora esta interpretação mais radical do islão os direitos à educação, à saúde, ao emprego por parte das mulheres são coartados pelos governos e pelos líderes religiosos.

3- Quais as motivações da mulher para a integração em grupos terroristas?

A visão sobre as motivações da mulher para a integração em organizações terroristas difere de autor para autor. De uma perspetiva tradicional, as mulheres têm uma função de suporte ao homem, aos combatentes, permanecem junto da frente da

batalha para apoiar e servir os combatentes, dar-lhes conforto e, de alguma forma, constituir-se como um refúgio, um apoio. Mas estudos mais recentes, revelam que mesmo no Estado Islâmico, as mulheres começaram a ter um papel mais ativo que aquele que era concebido anteriormente, sendo elas próprias envolvidas em atividades operacionais, quer como combatentes, quer como bombistas-suicidas, como agentes de informações, recolhendo informações junto do adversário, ou dos inimigos, quer como estando investidas em tarefas de planeamento de ações de combate, de atentados terroristas, de sequestros, etc. Portanto, digamos que a mulher começa também nestas organizações a assumir um papel de maior protagonismo, funções mais operacionais, embora ainda não seja igual ao homem.

4- É vantajoso para as organizações terroristas recrutar mulheres?

Na perspetiva das organizações terroristas parece-me que sim. As organizações fundamentalistas islâmicas desenvolvem ações de radicalização via online, visando recrutar crianças, adolescentes e mulheres, muitas delas a viverem em países ocidentais para se juntarem à jihad nos locais de conflito. São conhecidos centenas de casos de mulheres que abandonaram as suas famílias em países ocidentais e foram viver com indivíduos que tinham conhecido via online na Síria, no Iraque, no Afeganistão e em outros territórios. Portanto, este recrutamento de mulheres não só para se juntarem aos combatentes, mas também para serem utilizadas pelas organizações terroristas em diversas tarefas operacionais e de inteligência é considerado extremamente útil, continuando em evolução.

5- Qual o impacto do problema em estudo nos esforços de combate ao terrorismo?

O combate ao terrorismo é transversal e considerando que as mulheres têm um papel cada vez mais ativo, esse é um fator a ter mais em conta por parte das forças policiais e dos serviços de informações. As mulheres desempenham uma função crescentemente importante no contexto da jihad, acabam por ser o coração da família, conhecem os segredos dos companheiros, são cúmplices de crimes cometidos pelas células terroristas, pesquisam informações entre a população. Ao serem responsáveis pela educação dos filhos, no contexto da jihad são autoras ou coautoras de ações de radicalização das crianças e jovens e de outras mulheres (vizinhas, amigas, membros da família), de amigos, conhecidos e de diversas pessoas no seio da comunidade. Esse aspeto deve ser tido em conta pelas forças policiais e pelos

serviços de informações, porque as mulheres ao assumirem este papel mais proativo, obtêm resultados mais tangíveis e uma maior capilaridade da mensagem radicalizante, uma capacidade de infiltração no tecido social, na minha perspectiva, ainda maior que o do homem, principalmente nestas sociedades mais tradicionais, facto que se constitui como um fator de risco adicional.

6- É necessário dar importância ao género no âmbito das estratégias de contraterrorismo?

Efetivamente, sim. O género feminino, como disse anteriormente, pode desempenhar um papel bastante pernicioso no âmbito da radicalização de crianças e jovens. Neste contexto, nas estratégias de prevenção do terrorismo e de prevenção da radicalização, seja ao nível dos governos seja em parceria com as ONG's, tem de se privilegiar o contacto com as comunidades locais, com os líderes religiosos, com as mulheres e adolescentes, sensibilizando-as para os riscos que correm em terem acesso a conteúdos online que possam visar o seu recrutamento para este tipo de atividades. Esta ação preventiva e de sensibilização deverá incrementar o sentido crítico e igualmente denunciar os riscos que podem incorrer caso cedam a promessas de casamento / namoro efetuadas via online ou presencialmente, por homens/adolescentes com ligações a organizações terroristas. Neste âmbito, podem ser seduzidas/convencidas para viajarem para teatros de conflito, onde acabam por ser vítimas de violência física, psicológica e de abusos sexuais. Muitas vezes quando o marido/companheiro morre em combate, outro terrorista assume a "posse" da mulher, com frequência, contra a sua vontade, o que cria uma espiral de violência, de abuso em contextos sociais e económicos muito periclitantes; as famílias não têm acesso a cuidados básicos de saúde, à educação, à higiene, a habitação condigna. Numa conjuntura de violência, de exposição a perigos e riscos, por serem testemunhas e cúmplices de atos de extrema gravidade, acabam, muitas vezes, por enveredar elas próprias pela violência, cometendo crimes e atos terroristas. Motivo pelo qual, existem muitos processos de mulheres acusadas e condenadas por crimes de terrorismo em vários países ocidentais. A sensibilização das famílias e dos jovens é, assim, crucial, porque a jihad não é uma mera opção de vida alternativa; tem consequências muito graves; implica a autoria ou cumplicidade em casos de homicídio, de terrorismo, o que tem consequências tangíveis na vida das arguidas nestes processos.

8- Considera pertinente acrescentar alguma informação adicional?

É importante que empreenda um estudo comparativo entre as realidades do Reino Unido, França e dos países escandinavos, os quais, têm desenvolvido diversas investigações científicas a este nível, havendo por isso, diversa bibliografia disponível nestes países subordinada a esta temática.



ENTREVISTA

Nome: Pedro Prata

Posto: Polícia Judiciária

Função que exerce: Coordenador da Unidade Nacional de Contraterrorismo

1- Quais são, na sua opinião, os principais objetivos das organizações terroristas islamistas?

Os objetivos têm mudado. No início, e indo buscar os objetivos da Al-Qaeda quando aconteceram os primeiros ataques, não tinham um objetivo tangível, eram essencialmente de natureza punitiva, ou seja, não tinham um caderno reivindicativo.

Inicialmente queriam apenas atacar, massacrar, quer nos ataques das embaixadas, quer no próprio 11 de Setembro. Depois o discurso foi evoluindo, e passaram a querer um califado, impor a perspectiva que têm da lei islâmica. O caderno reivindicativo deles evoluiu ao longo do tempo. Se olharmos, aos momentos logo após o atentado de 11 de Setembro, principalmente nos territórios ocupados da Palestina, inicialmente o objetivo era uma mensagem aos seus de mostrar que estavam presentes e eram capazes, só depois é que começaram a exigir e pedir domínio de outros territórios.

2- Em que casos é a mulher vítima das organizações terroristas islamistas?

Para mim é sempre. A mulher é vítima de diversas formas, quando objetivamente ela é um dos alvos e isto pode ser porque está no sítio errado à hora errada ou porque o seu comportamento não se coaduna com o que os terroristas acham correto, e também porque a imposição dessa perspectiva do islão naqueles territórios, acaba por tornar, especialmente, a mulher vítima. Porque ofendem os mais elementares direitos humanos.

A mulher é sempre vítima, só que a diversos níveis, objetivamente enquanto alvo e de uma forma mais indireta porque é obrigada a viver em certas circunstâncias, e obrigada a participar. Acaba por não ter opções e é muito complicada de facto, a posição da mulher.

3- Quais as motivações da mulher para a integração em grupos terroristas?

Eu penso que muitas vezes as motivações não serão genuínas, será uma forma de sobrevivência porque não têm muita alternativa, dependendo dos sítios. Ou seja, quando a motivação é genuína é por um sentimento de vingança, ou porque mataram o marido ou porque os filhos morreram, ou porque de facto não se enquadram com o poder dominante do sítio onde estão e veem aí um motivo para aderir. A maioria das vezes, penso que não é isso que acontece. Elas são motivadas por uma pressão social, pelo facto de no sítio onde vivem não terem grandes alternativas. E ainda existem diferenciações, podemos diferenciar entre as Nigerianas do Sul e por exemplo, as mulheres sírias.

As mulheres sírias nos territórios ocupados pelo Estado Islâmico, acabam por não ter grandes alternativas, ou se consegue viver e aderir ou não se sobrevive. Acaba por ser uma forma de atenuar aquela vivência já complicada. As mulheres aderem porque o contexto social em que vivem assim as obriga, além de que podem ter motivos particulares. Mas não me parece que haja um grande endoutrinamento ideológico religioso por parte das mulheres para aderirem às organizações terroristas.

4- É vantajoso para as organizações terroristas recrutar mulheres?

Obviamente que sim. Dentro do quadro islamita, sim. Quer como suporte operacional, quer como agentes de recrutamento. Em *back office*, as mulheres oferecem suporte emocional, afetivo e um suporte operacional. Agora, nem tanto porque as contrapartes das forças de segurança já estão mais alerta para o papel da mulher, ou seja, já não passam tão despercebidas e são alvo de um escrutínio quase tão rigoroso quanto os homens. Mesmo assim, todos nós temos o nosso preconceito e quando falamos de terroristas, pensamos em homens barbudos. A mulher tem cada vez mais um papel quer operacional, quer de suporte logístico, ao levar informação, alimentos, explosivos, quer mesmo na retaguarda em questões organizativas, porque os grupos já têm alguma dimensão e precisam de suporte administrativo.

5- Quais os principais contributos da mulher no terrorismo?

Digamos que, e falando do mundo islâmico, as mulheres não têm um papel de liderança, pelo menos liderança ideológica, porque esse papel está reservado aos homens, aos académicos e aos religiosos. Mas acaba por ter um papel de alguma relevância e, se formos ao contexto do Estado Islâmico, dado a dimensão que o grupo atingiu, a mulher não podia deixar de ter um papel em toda a dinâmica da existência do Estado Islâmico, porque eles constituíram uma entidade quase estatal e, portanto, tinham aquelas tarefas a nível da saúde, da educação, onde a mulher acaba por ter um certo papel.

6- Qual o impacto do problema em estudo nos esforços do combate ao terrorismo?

Na medida em que consideramos a mulher importante neste contexto. Há contextos diferentes, por exemplo nos grupos terroristas, de matriz de direita ou esquerda na Europa ocidental, não havia tantas questões de género. Aliás, havia um grupo na Alemanha que era liderado por uma mulher, que era a Fração do Exército Vermelho, também conhecido por Grupo Baader-Meinhof, apesar de ter o nome dos dois líderes, ela é que era a ideóloga. E, portanto, principalmente nos grupos de esquerda, as questões de género não eram preponderantes, quando falamos da matriz islâmica, as questões de género são sem dúvida preponderantes.

7- É necessário dar importância ao género no âmbito das estratégias de contraterrorismo?

Sim, porque na medida em que elas têm um papel importante e diferente, é preciso serem tidas em conta nestas situações. Até porque nas estratégias é preciso ter atenção a diferenciação e tentar perceber onde estão os limites entre a vitimização e a autoria.

Até que ponto é legítimo perseguir alguém criminalmente que aderiu, mas que digamos que tinha a sua vontade muito limitada e que não tinha grande alternativa? Há sempre uma pequena margem de liberdade, as pessoas fazem sempre escolhas, mas nem sempre essas escolhas são completamente livres. No caso das mulheres que saíram da Europa Ocidental e foram para a Síria e Norte do Iraque não há grande volta a dar, porque essa liberdade não era assim tão pouca. No caso das que residiam e estavam integradas nas sociedades, é complicado porque quem não adere naqueles sítios, tem a vida estragada.

8- Considera pertinente acrescentar alguma informação adicional/ Há algo que deva ser mudado na estratégia europeia de abordagem ao terrorismo em função da questão do género?

Aconselho a colocar uma questão mais específica relativamente à forma como a União Europeia tem de lidar com as mulheres e famílias que retornam. É uma questão complicada, nomeadamente em relação a pessoas portuguesas que têm todo o direito a regressar, e está na ordem do dia.

É preciso saber como devemos lidar com estas pessoas e tentar perceber o grau de empenhamento que lá tiveram. São questões jurídico-penais complicadas porque as pessoas foram de livre vontade, aderiram, mas o que é que fizeram lá? E será que lá estarem e darem apoio afetivo, é suficiente? A legislação tem sido rígida, no sentido em que qualquer pessoa que vá para lá deve ser punida criminalmente, e resta saber se é ou não a atitude correta.

Inês: Ou seja, está também relacionado com os programas de desradicalização?

Pedro Prata: Sim, exatamente.

Inês: E não acha que com a redução dos combatentes masculinos, por exemplo no Estado Islâmico, eles não poderão vir a utilizar mais as mulheres em papéis de liderança?

Pedro Prata: As mulheres acabaram por ter um papel de liderança nos locais onde não existem homens, que é nos campos de refugiados. Elas são verdadeiras líderes e percebem aquelas que consideram que estão a fugir ao poder. Não existem homens, são crianças, ou pessoas feridas sem capacidades. Apesar de isso contrariar a matriz do pensamento sunita, de que a mulher tem um papel secundário, pode acontecer que isso evolua nesse sentido. Não digo que vá acontecer, mas pode, porque de facto nos campos de refugiados isso observa-se.

Inês: Até pelo facto de elas muitas vezes 'alistarem' os filhos neste tipo de organizações, até podem ser forçadas, mas fazem-no.

Pedro Prata: Sim, aquilo que nós observamos, e temos relatos fidedignos disso, é que as crianças são doutrinadas nem que seja pelas próprias mães, e nos campos de refugiados. Para além disso, as mulheres que começaram a perceber que aquilo não era o que queriam para a vida delas, e sentem-se arrependidas, acabam por ser perseguidas por outras mulheres que são as líderes. Portanto, isto pode extrapolar para uma realidade a médio-prazo.

Inês: Relativamente ao contraterrorismo, a questão do género já é mais igualitária na questão da prevenção e controlo? Ou seja, anteriormente não se dava tanto valor à mulher como possível terrorista ou ameaça.

Pedro Prata: Inequivocamente que sim. Ou seja, no âmbito do contraterrorismo e no terrorismo do século passado, antes do terrorismo islamita ter aparecido as questões de género não eram muito valorizadas, as FP25, as brigadas vermelhas e a própria ETA tinham operacionais mulheres, sendo que não eram tratadas de forma diferente. Inicialmente, há 20/25 anos quando isto apareceu não havia essa noção e pensava-se que era uma visão totalmente realista, sendo que não

havia mulheres com um papel preponderante, tirando o Hamas, mas é uma questão aparte.

Habitualmente, isso acontece. Sente-se que a mulher pode ter papéis diferentes, desde a nível operacional como a nível de suporte logístico, endoutrinamento, recrutamento, e radicalização, nomeadamente ao nível dos familiares, e, portanto, não agimos de forma diferente, de maneira nenhuma. Claro que nós, quando nos surge um caso de uma mulher, tentamos perceber qual é o papel dela, mas não a pomos de parte, de todo.

ENTREVISTA

Nome: Capitão Néelson Cruz

Cargo:

Posto: Eurojust

1. Na sua opinião, quais são os objetivos principais das organizações terroristas islamistas?

Os principais objetivos são, sobretudo, objetivos políticos. Objetivo de recuperar o antigo califado, a organização política que tinham e expandir os seus valores e cultura, sobretudo, pelo que aconteceu no passado. Muitos sentem um sentimento de revolta grande para com o Ocidente e é isso mesmo que também tentam cultivar. Isto porque existe uma grande assimetria entre os nossos valores e os deles, e aquilo que, na minha opinião, parece acontecer é que eles tentam cultivar esse ódio/revolta como se fossemos os “pecadores”. Há a intenção de nos converter. Ou seja, são objetivos políticos relacionados com fins religiosos.

2. Em que casos é a mulher vítima das Organizações Terroristas?

Sinceramente, não creio que sejam mais vítimas, ou o maior alvo das O.T. As organizações terroristas nem são muito seletivas, o que elas procuram é realmente criar um sentimento de medo na população e sociedade em geral. É um pouco indiferente se a vítima é uma mulher ou não. Obviamente que para recrutamento e para as terem do seu lado nos territórios são muito úteis. Primeiro, porque passam mais despercebidas pelas forças de segurança, apesar da mudança, as pessoas em geral não têm noção de que a mulher poderá ser uma eventual terrorista. Por outro lado, elas têm outras capacidades, na parte logística e na movimentação de capitais as mulheres têm um papel importante e uma grande utilidade.

3. Quais as motivações das mulheres para a integração em grupos terroristas?

As motivações são essencialmente, dividindo em duas quadrantes, para aquelas que estão integradas na sociedade muçulmana e que são desde pequenas

educadas nessa cultura e obviamente que a motivação delas não é mais do que aquilo que lhes foi inculcado.

Por outro lado, temos detectado que algumas das mulheres que são convidadas a integrar estes grupos terroristas, outras na área do financiamento do terrorismo e envolvidas em atividades de branqueamento de capitais, não estavam muito interessadas na ideologia ou nas causas, mas faziam-no por motivos económicos.

Inês: Poderá também ser uma das motivações a vontade de pertencer e ter um papel mais ativo?

Capitão Nelson Cruz: Exatamente. As mulheres nessas sociedades, não têm muitas oportunidades, são subjugadas, e obviamente que se puderem “crescer” por via dessas organizações, claro que sim.

4. É vantajoso para as organizações terroristas recrutar mulheres?

Sim, até pelo fator surpresa que elas geram. Normalmente, não estão associadas a este tipo de atividade e sobretudo na área também logística e de financiamento do terrorismo. Normalmente montam negócios locais, em França, na Bélgica e Holanda, com a participação das mulheres. Refiro-me a restaurantes, cabeleireiros, todo o tipo de negócios, e os proveitos retirados desses negócios são essencialmente obtidos por via das mulheres que, de uma maneira consciente, ajudam a dar cobertura a esses abrigos, normalmente são os locais onde os terroristas atuam, residências familiares onde as principais pessoas que saem e entram são mulheres e não despertam tanta atenção na população local, funcionando como uma espécie de escudo, trazendo essa mais-valia e claramente que as mulheres também têm uma capacidade de planeamento um pouco mais desenvolvida que os homens, segundo estudos.

6. Qual o impacto do problema em estudo nos esforços de combate ao terrorismo?

Para resolver problemas que são fundamentalmente ideológicos é preciso compreendê-los e compreender também as diferenças, porque elas existem, e algumas que são particulares das mulheres, outras dos homens. Para conseguirmos atenuar o terrorismo, o essencial é atuar nos seus fundamentos e compreendermos quais são as razões, ou seja, se de certo modo pudermos compreender melhor essas

razões obviamente poderemos ter uma resposta adequada para dissuadir as mulheres de pertencer a estas organizações.

7. É necessário dar importância ao género no âmbito das estratégias de contraterrorismo?

Sem dúvida. Claro que existem fatores comuns, mas é importante dividir a estratégia relativamente às mulheres e relativamente aos homens, sendo que o que me parece ser essencial é nas regiões que são próximas do Estado Islâmico, haver uma maior capacitação das mulheres, trazendo os nossos valores, respeitando obviamente a cultura deles, mas tentando que haja uma maior igualdade de género e uma maior igualdade de oportunidades. Por exemplo, o Estado Islâmico, também recruta fundamentalmente naquelas regiões, e aproveita a situação de precariedade da população. Desta forma, se conseguirmos desenvolver e criar oportunidades poderemos atenuar essa capacidade.

INTERVIEW

Name: Agent from Spanish Nacional Police

1. In your opinion, which are the main goals of Islamist Terrorist Organizations?

Their aim is to establish a caliphate under an orthodox interpretation of Sharia, Islamic law. They reject democracy and elected parliaments because, in their opinion, God is the only legislator.

In Spain, the first attack of this orientation took place in 1985 in the El Descanso restaurant. Subsequently, jihadist cells linked to Al Qaeda caused the biggest terrorist massacre in our history: the 11 March 2004 attacks in Madrid, which killed 193 people and injured hundreds more.

More recent are the attacks in Barcelona and Cambrils on 17 August 2017, which killed 16 people and injured more than a hundred. These terrorist actions show that the jihadist threat is still present in Spain, as it is in many other countries.

2. In which cases are women victims of terrorist organizations?

Women are just as vulnerable to jihadist ideology as men and fully embrace the postulates derived from it. However, the role of women within DAESH after the proclamation of the "Caliphate" has gained importance compared to the role played in relation to other terrorist organisations.

3. What are women's motivations for joining terrorist groups?

Here we enter a very complicated field. Given that the motivations that lead a person to become radicalised are very varied, it is in fact very difficult to speak of a specific profile of jihadists.

The "Islamic State" created the ideal conditions that allowed women to feel fully part of its project and the motivation was extraordinary. Here in Spain, it should be borne in mind that the phenomenon of women's participation in crimes related to jihadist terrorism was unknown to the FSC before the irruption of this organisation.

The rise of DAESH meant that we suddenly began to detect the presence of women in forums and social networks, openly expressing their support for the

"Caliphate", and there was a large mobilisation of this sector of the population in order to form part of the new "State". Many women expressed their desire to travel to Syria, which was really worrying.

My experience in the terrorist struggle here in Spain tells me that, once women from the West are radicalised, converts can be even more extreme than women from Muslim families. This happens as a kind of "compensation" or desire to fulfil to the fullest extent what they understand to be a duty in their new religion, without perceiving that the ideology they have taken on is totally distorted.

Personally, I also believe that growing up in the West, with all the freedoms they enjoy, conditions Western women who are more reluctant to fulfil a strict domestic role.

4. Is it advantageous for terrorist organizations to recruit women?

It has become essential and often has to overcome fewer obstacles than recruitment of women by men. The role of women can continue to develop at the operational level, the more driven the greater the resource needs of the particular organisation.

I think there has indeed been a change in trend. Women's involvement in more operational tasks has been seen to be very positive for DAESH and, in some situations, even more successful than those carried out by men, especially in terms of recruiting other women.

Although these organisations maintain a strict ideology regarding the roles that women can carry out in everyday life, my personal opinion is that terrorist groups will increasingly seek to exploit women's capabilities in the framework of jihad.

However, it should also not be forgotten that the main attraction of DAESH in the beginning was the establishment of a so-called "state", i.e. women were not attracted by the possibility of fighting, they were attracted by the possibility of living in a place that would supposedly fulfil their expectations of life.

All subsequent operational activity was built on this pillar. Once DAESH's territorial control disappeared, we have seen how women's participation has declined.

5. What are the main contributions of women to terrorism?

First, they are the mothers of future generations of jihadists. This is vital for any organisation that intends to control a territory and develop a government over it because they need population and "soldiers".

I remember a DAESH article that said something along the lines of "we will conquer you through the wombs of our women" which, for me personally, gave me a lot to think about. It should be borne in mind that for jihadist organisations time is measured differently. Their objectives are not measured in years, they are measured in decades and generations. This has recently become very clear with the victory of the Taliban Movement in Afghanistan, which has been considered the greatest jihadist triumph since the 9/11 attacks by Al Qaeda and its entourage. This victory is being treated as the example that perseverance unequivocally leads to triumph. Whether or not we are talking here about DAESH's rival organisation, this concept is common to all jihadist organisations.

On the other hand, the relevant role played by women in radicalisation and recruitment processes, especially of other women, and in the dissemination of propaganda and financing activities, has been demonstrated. The Internet offers new possibilities of action for those women who decide to carry out more operational activities without the need for physical involvement, which is traditionally more costly for women, although there are enough cases to say that this is a barrier that can also be overcome.

6. What is the impact of the problem under study on efforts to combat terrorism?

At the security level, there are many risks. Firstly, you add a large population to operational activities, which multiplies the number of potential targets for investigations and what that means in terms of FSC resources. In addition, in the West we are not used to this sector of the population carrying out terrorist attacks and security measures for women could be more relaxed. Of course, this would be a quick learning curve, but it would be a huge drain on prevention measures and so on.

7. It is necessary to give importance to gender within the scope of strategies of counterterrorism?

The development of radicalisation prevention programmes needs to have different approaches. In Spain, the National Strategic Plan to Prevent and Combat Violent Radicalisation was approved in October 2020. And in many countries in Europe, no plan has even been developed. In the National Security Strategy that was

approved a few days ago, we see that the fight against terrorism continues to be one of the priorities, so we will have to see how all the proposed measures are developed.

8. Do you consider it relevant to add any additional information?

-